



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**“A CIÊNCIA PRECISA FALAR CLARO”
UMA ANÁLISE EM REDE DA CONSTRUÇÃO [V AA] NO PORTUGUÊS EUROPEU
DO SÉCULO XX**

Manuel Coutinho da Assunção Junior

RIO DE JANEIRO
2022

MANUEL COUTINHO DA ASSUNÇÃO JUNIOR

“A CIÊNCIA PRECISA FALAR CLARO”
UMA ANÁLISE EM REDE DA CONSTRUÇÃO [V AA] NO PORTUGUÊS EUROPEU
DO SÉCULO XX

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientadora: Prof^a Dr^a Priscilla Mouta Marques

RIO DE JANEIRO
2022

CIP - Catalogação na Publicação

C871" Coutinho da Assunção Junior, Manuel
"A ciência precisa falar claro": uma análise em rede da construção [V AA] no português europeu do século XX / Manuel Coutinho da Assunção Junior. -- Rio de Janeiro, 2022.
61 f.

Orientadora: Priscilla Mouta Marques.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Inglês, 2022.

1. Linguística Funcional Centrada no Uso. 2. Adjetivos Adverbiais. 3. Construção. 4. Rede de Construções. 5. Português europeu. I. Mouta Marques, Priscilla , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

Sinceramente, a seção de agradecimentos foi, durante a escrita desta monografia, a que mais posterguei. Não por não ter a quem agradecer, mas porque nada que eu diga é comparável ao que tantos fizeram por mim. Minha graduação foi cenário de transformações profundas em quem eu sou, engatilhadas pelos encontros que a vida e a Faculdade de Letras me proporcionaram.

Primeiramente, agradeço à minha família por todo o apoio durante meus anos como aluno universitário. Em especial, agradeço à minha irmã Luisa por sempre buscar me ajudar e orientar, principalmente quando eu era um adolescente cheio de desejos mas sem saber direcioná-los. Também, agradeço especialmente à minha mãe por sempre me ouvir e me apoiar mesmo quando não concordava com minhas decisões. Eu não chegaria até aqui sem vocês.

Também sou muito grato aos meus amigos *insulanos* que cresceram, mudaram e me transformaram desde que éramos criancinhas. Com o tempo, nosso *grupinho* mudou de forma, cresceu, diminuiu, virou de cabeça para baixo, mas mesmo assim nos mantemos unidos. Só estou de pé hoje graças a vocês. Muito obrigado por existirem em minha vida.

Para além das margens da Ilha do Governador, também fiz laços que tenho orgulho de dizer que levarei para toda a vida. Agradeço aos meus amigos do grupo *Clacolândia*, “trombados” por acaso e unidos pelo CLAC. Com vocês, aprendi a ser quem eu sou de forma autêntica e a buscar superar a mim mesmo apesar dos tombos que levo no percurso. Relacionado a eles, agradeço ao espaço que solidificou nossa amizade: o projeto de extensão CLAC. Lá aprendi o que é, de fato, ser um professor. Aprendi a expandir minha própria visão de mundo e a ser eu mesmo um agente de mudança.

Também sou imensamente grato ao grupo de estudos Discurso & Gramática. Quando cheguei a vocês, eu era apenas um menino com curiosidade, mas sem direção. Porém, na sala H314, aprendi a ser um cientista da linguagem a cada palavra, debate ou conselho que ouvi, presenciei ou recebi de vocês.

Agradeço especialmente à minha orientadora, a professora Priscilla Marques, por ter sido o meu maior exemplo de profissional que já vi em toda a minha vida acadêmica. Sem demagogias, digo que você é uma excelente professora e pesquisadora, com olhos sagazes e palavras sempre sábias. Contudo, além de me ensinar a ser um linguista, você também me ensinou que é possível ser um excelente profissional sem deixar de ser humano. Agradeço profundamente por como você sempre me acolheu nos momentos em que mais precisei e por toda a calma e paciência que me ofereceu nas fases difíceis que enfrentei.

Ainda dentre os amigos linguistas que fiz nesses anos da Faculdade de Letras, agradeço aos meus amigos Sara Adelino, minha “gêmea” com outro aniversário, Raissa Cumán, a irmã mais velha sempre com os melhores conselhos e Rodrigo Tiradentes, não só um amigo que fiz no D&G, como também meu “co-orientador não-oficial”, como sempre o chamei. Sem vocês três, esta pesquisa com certeza não seria possível e eu seria muito menos do que sou hoje.

Agradeço também a todo o corpo docente e discente da UFRJ, em especial, aos professores e colegas que cruzaram meu caminho desde a minha inscrição no curso de Letras. A dimensão da universidade pública brasileira só pode ser compreendida por quem teve a

sorte de experienciá-la. Obrigado por todo o seu trabalho de luta constante para manter essa grande universidade de pé. Desejo que possamos estar sempre juntos nessa batalha.

Também agradeço aos profissionais da área da saúde que, tanto no Brasil quanto em todo o mundo, lutaram bravamente para que pudéssemos estar aqui hoje, vivos e saudáveis, após a pandemia da COVID-19. Tudo o que vivemos mudou completamente a nossa percepção de mundo e espero que possamos aprender com os erros do passado para que não os repitamos e, assim, honrar a memória daqueles que injustamente foram acometidos pelo vírus e suas sequelas.

Por fim, agradeço também à pequena parte de mim que não me deixou desistir de mim mesmo durante os últimos anos. Os tempos da pandemia abalaram a todos nós de forma profunda que talvez ainda não compreendamos totalmente, mas desejo que possamos juntos emergir das águas turvas e possamos achar terra firme novamente. Obrigado a todos que cruzaram caminhos de uma forma ou de outra com os meus nestes anos. Todos vocês me ajudaram a crescer como cidadão, acadêmico, professor e, acima de tudo, ser humano.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. Pressupostos Teóricos	9
2.1 Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)	9
2.2 Construções Linguísticas e Rede Construcional	10
2.3 Princípios do Funcionalismo Clássico e da LFCU	12
2.3.1 Princípio da iconicidade	12
2.3.2 Princípio da não-sinonímia	12
2.3.3 Conceito de marcação	13
2.3.4 Informatividade	13
3. Revisão da literatura	15
3.1 Hummel (2002, 2003, 2013a e 2013b): Os trajetos dos adjetivos adverbializados nas línguas românicas.	16
3.2 Barbosa (2006): Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados.	18
3.3 Virgínio (2016): Análise da estrutura informacional e da Construção Circunstancial de Adjetivo Adverbializado do PB.	20
3.4 Campos (2019): A Competição entre [VERBO ADJETIVO ADVERBIAL] E [VERBO XMENTE] na rede construcional qualitativa do português brasileiro: Uma análise centrada no uso.	22
3.5 Tiradentes (2018): A construção com adjetivo adverbial: investigando sua configuração no português brasileiro do século XX	25
3.6 Tiradentes (2021): Adjetivos adverbiais na rede construcional do português brasileiro: uma proposta de categorização bottom-up do padrão [V AA] com sentido qualitativo.	28
4. Objetivos e Hipóteses	31
5. Metodologia	33
6. Análise de dados	36
6.1. Subesquemas analisados	36
6.2. Ordenação e presença de elemento interveniente	38
6.2.1. Natureza do elemento interveniente	39
6.2.2. Argumentos internos desenvolvidos e clíticos	40
6.3 Tipos Verbais	42
6.4 Tipos adjetivais	43
6.5 Relação entre tipos verbais e adjetivais	45
6.6 Relação entre tipos verbais e itens adjetivais	46
6.7 Estrutura argumental	47
6.8 Estrutura informacional	48
6.9 Modalidade e domínio discursivo	50
7. Considerações Finais	53
Referências	58

1. Introdução

Nas variedades da Língua Portuguesa, há ao menos quatro tipos de modificadores verbais: (1) advérbios canônicos compostos com o sufixo *-mente* (“ele entendeu facilmente”); (2) locuções adverbiais (“tive que repetir a explicação de novo”); (3) verbos na forma de gerúndio (“ela anda correndo”) e (4) adjetivos adverbiais (“elas falam rápido”). Dentre tais estratégias, a quarta se mostrou como um objeto de estudos profícuo dentro das pesquisas linguísticas, uma vez que exemplifica o fenômeno da fluidez categorial. Tal fenômeno é de grande relevância para diferentes linhas teórico-metodológicas, posto que aponta a plasticidade linguística e o *continuum* sintático-pragmático entre diferentes categorias e classes gramaticais, como as dos adjetivos e dos advérbios.

Contudo, apesar desse objeto já ter sido previamente investigado por um diversificado grupo de linhas linguísticas, os adjetivos adverbiais, doravante AAs, ainda carecem de investigações acerca de algumas de suas particularidades tanto estruturais, quanto semântico-pragmáticas, em especial na variedade europeia da Língua Portuguesa. Logo, a fim de dialogar com estudos anteriores e ampliar a discussão acerca dos AAs, lançamos um novo olhar sobre a sequência *verbo + adjetivo adverbial*, notada por [V AA]¹, no Português Europeu (PE) à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. Portanto, o objeto sobre o qual nos debruçamos não é o AA de forma isolada, mas sim a construção linguística, aqui referida como construção com adjetivo adverbial ou [V AA], em que figura. Abaixo, podemos observar um exemplo de uso de tal construção:

- (1) “Fomos ver a lente do farol. A grande lente de cristal. Como uma coisa última. Todos tínhamos perdido as palavras. Todos nos encontrávamos desfeitos. Não sabíamos o que dizer. A lente era uma seta indicando o abismo. A lente em forma de lua partida ao meio era um outro astro. A lente **brilhava forte**, a lente queimava de frio e de brilho. O faroleiro falava.” (19:Fic:Pt:Jorge:Paixão)

A partir dele, pode-se observar que, apesar de prototipicamente exercer a função de modificador nominal na língua portuguesa, seja na variedade europeia, seja na brasileira, o termo *forte* exerce em (1) a função de modificador do elemento verbal *brilhava*. Logo, nesta pesquisa, atentamo-nos à composição tanto formal quanto discursivo-pragmática da

¹ Por essa notação, referimo-nos a quaisquer instâncias da construção composta por um verbo, um elemento interveniente circunstancial e não-obrigatório e um adjetivo que desempenhe função adverbial.

construção com adjetivo adverbial, bem como à configuração de sua rede no PE. Para compreendermos as idiossincrasias da construção-alvo, investigamos, portanto, tanto fatores estruturais (como a ordenação dos elementos componentes), quanto discursivo-pragmáticos (como a estrutura informacional) que a configuram. Inicialmente, hipotetizamos que a construção supracitada seria a única forma disponível no sistema linguístico dos falantes para desempenhar uma função comunicativa específica, que, provavelmente, não é completamente contemplada pelos demais padrões construcionais adverbiais de mesma base lexical.

Somado ao objetivo acima apresentado, destacam-se o mapeamento da rede da construção com adjetivo adverbial na variedade europeia do português e, posteriormente, a análise comparativa com a rede dos adjetivos adverbiais na variedade brasileira com base tanto em nossos resultados quanto naqueles obtidos por Tiradentes (2018). Para tal, coletamos nossos 512 dados referentes à sincronia do PE do século XX a partir da aba Gênero/Histórico do *Corpus do Português* e os analisamos à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso, a qual considera a língua como uma rede simbólica de construções (GOLDBERG, 1995, 2006; HUDSON, 2007; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), sendo essas, por sua vez, unidades de pareamento forma-sentido.

A fim de apresentarmos nossa análise de dados de forma coerente e concisa, segmentamos esta monografia em sete capítulos. No capítulo subsequente a este, capítulo 2, apresentaremos os pressupostos teóricos que norteiam nossa análise de dados. Imediatamente em seguida, no capítulo 3, discutiremos a rica colaboração de trabalhos predecessores acerca dos adjetivos adverbiais. No capítulo 4, trataremos de nossas hipóteses e nossos objetivos, previamente delimitados a partir de nossas bases teóricas. No capítulo 5, apresentaremos nosso *corpus* e nossos processos metodológicos. Após isso, no capítulo 6, apresentaremos nossa análise dos dados válidos, relacionando-os com nossas hipóteses iniciais. Por fim, no capítulo 7, concluiremos a apresentação desta pesquisa ao discutirmos os pontos mais relevantes da mesma para o campo de análise das construções de modificação verbal.

2. Pressupostos Teóricos

2.1 Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

A fim de analisar e descrever a construção com adjetivo adverbial e de averiguar a veracidade de nossas hipóteses, lançamos mão do aporte teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), abordagem da Linguística Funcional que conjuga as bases e conceitos clássicos do Funcionalismo Norte-Americano referentes ao uso real da língua e o modelo construcionista de representação da gramática proposto pela Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001). Tendo como ponto de partida instâncias reais de uso das línguas humanas em seus contextos sócio-pragmáticos e biossociais para formular generalizações teóricas acerca da organização sociocognitiva da linguagem humana, tal linha teórica, originalmente denominada *Usage-Based Linguistics* (LANGACKER, 1987) e posteriormente também referida por *Cognitive-Functional Linguistics* (TOMASELLO, 1998), almeja delinear modelos de análise linguística que mobilizam conceitos que consideram tanto as estratégias comunicativas próprias do discurso quanto as configurações mentais da gramática em um modelo de mente holística.

Sendo assim, a LFCU se distingue de outras vertentes dos estudos linguísticos, especialmente daquelas de caráter formalista que argumentam a favor de modelos modulares da mente humana e de seu inatismo gramatical, segundo o qual os seres humanos teriam suas bases linguísticas gramaticais gerais geneticamente programadas em seus corpos. Em contrapartida, a LFCU argumenta a favor da concepção de que o conhecimento linguístico do falante não está inatamente presente em sua mente, deste modo, não sendo compartimentalizado e segregado de outras esferas cognitivas. Para as abordagens baseadas no uso, determinadas habilidades cognitivas gerais regem um heterogêneo grupo de aspectos cognitivos humanos, incluindo aqueles aplicados à linguagem.

Logo, compreende-se que o conhecimento linguístico de um determinado falante é construído e arranjado a partir de processos cognitivos globais, não de um módulo mental especificamente designado à linguagem (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2010). Dentre as principais habilidades cognitivas gerais aplicadas à linguagem humana, destacam-se a memória rica, a categorização, o processo de *chunking* e a analogia. De acordo com Bybee (2010), tais habilidades cognitivas se coordenam de forma interrelacional, pela qual o conhecimento linguístico do falante se costura em uma rede de construções (GOLDBERG,

1995, 2006; CROFT, 2001) a partir de suas experiências biossociais processadas e estocadas pela articulação das supracitadas habilidades cognitivas gerais.

Como postulado anteriormente, os conhecimentos linguísticos do falante se constituem através da correlação entre a cognição humana e a experiência biossocial do indivíduo. De acordo com Bybee (2010) e Kemmer e Barlow (1999), a estruturação das línguas e a formulação das gramáticas dos indivíduos são um processo emergente oriundo de padrões estabelecidos pelos sujeitos ao analisarem as regularidades dos usos do discurso. Além disso, tal estrutura é passível de constante reconfiguração frente às múltiplas possibilidades discursivas da comunicação humana. Em outras palavras, os autores argumentam que tanto a rede linguística individual do falante, quanto o sistema linguístico partilhado por um grupo de sujeitos são produtos dos processos de elaboração e compreensão de discursos por parte dos indivíduos.

Ainda acerca da relação entre uso e gramática, Hopper (1998) argumenta que as estruturas gramaticais presentes na rede linguística dos falantes de uma língua são estruturadas e reestruturadas a partir das necessidades discursivas requeridas nos contextos comunicativos. Portanto, mudanças estruturais na arquitetura de uma determinada língua estão, segundo o autor, diretamente associadas às pressões discursivas do uso real. Desse modo, o autor defende a concepção de uma “gramática emergente”, a qual seria moldada a partir do uso real das estruturas linguísticas pelos falantes e que estaria sujeita a constantes transformações devido à variabilidade e instabilidade próprias do discurso.

Desse modo, Hopper (1998) salienta o profundo vínculo entre estrutura linguística e uso, uma vez que os padrões gramaticais possibilitam a concretização do discurso ao passo que as pressões e necessidades informativas do uso moldam ou reformam a rede linguística, visto que promovem mudanças estruturais na mesma. A relação dinâmica de retroalimentação entre a estabilidade dos padrões gramaticais abstratos, que permitem a comunicação entre indivíduos, e a instabilidade e maleabilidade, que são produtos do uso discursivo de tais padrões e que podem acarretar mudanças estruturais aos mesmos, é primordial ao desenvolvimento da capacidade linguística humana e à continuidade de seus sistemas linguísticos.

2.2 Construções Linguísticas e Rede Construcional

Como discutido anteriormente, concebemos as línguas humanas e suas mudanças como fenômenos sócio-cognitivos, mobilizando conceitos e princípios teóricos que

evidenciam tanto seus aspectos funcionais e semântico-pragmáticos quanto fatores de ordem cognitiva. Dentre tais conceitos basilares para a LFCU, destaca-se o de construções gramaticais, que são reconhecidas como unidades simbólicas básicas da língua dotadas de forma e sentido², às quais é atribuído significado próprio e parcialmente independente dos itens que as compõem (GOLDBERG, 1995, 2006; HUDSON, 2006; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013). Tais construções podem se configurar em uma grande variedade de tamanhos, esquematicidade e complexidade, podendo abranger desde morfemas a estruturas sintáticas e termos e expressões lexicalizadas.

Dentre as características fundamentais dos modelos construcionais, destaca-se a não compartimentalização de léxico e gramática em módulos distintos e isolados, como propõem os formalistas. Contrariamente, baseados no processo cognitivo geral da categorização linguística (BYBEE, 2010), em que, através de um processo de reconhecimento de componentes e do estabelecimento de relações desses com representações mais esquemáticas já armazenadas na memória, os modelos construcionais nos permitem identificar morfemas, palavras ou até mesmo sintagmas como pertencentes a um *continuum* léxico-gramática. Desse modo, construções linguísticas tanto de caráter mais ou menos gramatical ou lexical são compreendidas como parte de um mesmo conjunto em rede de caráter maleável, em que determinadas construções podem, através de processos linguísticos como a construcionalização (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), mover-se no *continuum* ao formarem pareamentos de forma e significado inéditos.

Por fim, segundo os modelos teóricos da LFCU, as construções, através de relações dinâmicas, relacionam-se e associam-se umas às outras em uma rede construcional (HUDSON, 2007 e TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, 2013), que, por sua vez, estrutura a língua e compõe sua arquitetura. Portanto, as construções organizam-se hierarquicamente na cognição humana ao constituírem *nós* em rede que se conectam uns aos outros através de *links*. Segundo Traugott e Trousdale (2013), a rede de construções se dispõe em níveis hierárquicos distintos: (1) o nível dos esquemas, o nível mais alto e abstrato; (2) o nível dos subesquemas, que são menos esquemáticos que o nível predecessor e são parcialmente especificados; (3) o nível das microconstruções, que representam tipos individuais e mais preenchidos; (4) o nível menos esquemático instanciado pelos construtos, *tokens* de realização material da microconstrução em contextos comunicativos.

² Com base em Croft (2001, 2013) e Traugott e Trousdale (2013), utilizamos “forma” como um termo guarda-chuva que engloba fatores estruturais das construções linguísticas, como a sintaxe, a morfologia e a fonético-fonologia. Por sua vez, o termo “sentido” refere-se às semântica, pragmática e ao discurso;

2.3 Princípios do Funcionalismo Clássico e da LFCU

2.3.1 Princípio da iconicidade

Como posto previamente, argumentamos que as línguas se constituem através da correlação entre a cognição humana e a experiência biossocial do indivíduo. Logo, a fim de apoiarmos nossa perspectiva no que tange a linguagem, lançamos mão de alguns princípios correntes do Funcionalismo Norte-Americano. Dentre esses, destacamos primeiramente o princípio da iconicidade estipulado por Givón (1984). Segundo o autor, existe uma correlação natural entre forma e função, em que as estruturas linguísticas partilhadas por determinada comunidade linguística reflete seu pensamento e suas subjetividades aplicadas em sua realidade biossocial. Isto é, as línguas não se constituem estruturalmente por questões arbitrárias, mas pela conjunção de sua expressão, ou código linguístico, e os significados socialmente construídos e compartilhados.

A este princípio, relacionam-se ainda três subprincípios, sendo eles (a) o subprincípio da quantidade, que postula que a quantidade da informação é diretamente proporcional à quantidade da forma e à complexidade de pensamento; (b) o subprincípio da proximidade, que estabelece que os conteúdos mais próximos cognitivamente também estarão próximos no nível da codificação linguística e (c) o subprincípio da ordenação, que, por sua vez, nos diz que os elementos se organizam em forma de uma cadeia sintática.

2.3.2 Princípio da não-sinonímia

Outro princípio que nos é caro nesta monografia é o denominado princípio da não-sinonímia (Givón, 1990, 1995). Esse conceito elaborado e compartilhado pelo Funcionalismo Clássico estabelece que cada estrutura evidencia um sentido específico na língua. Desse modo, não existem formas distintas que evidenciem significados iguais. Posteriormente, Goldberg (1995) revisa tal princípio ao considerar que o elemento significativo do par “forma e sentido” compreende não apenas o campo semântico isoladamente, como também as funções discursivo-pragmáticas aplicadas à forma.

Sendo assim, uma vez que haja mudanças na forma, haverá também uma função semântico-pragmática diferente. Presumimos, pois, que há uma profunda ligação entre língua e uso, uma vez que as estruturas linguísticas são moldadas de acordo com intenção de produção de significados dos falantes em um determinado contexto comunicativo, visto que,

apesar de determinadas construções apresentarem similaridades no campo semântico, elas ainda assim se diferenciam no campo pragmático-discursivo.

2.3.3 Conceito de marcação

O conceito de marcação presume que estruturas linguísticas podem ser classificadas como marcadas ou não marcadas dependendo da percepção subjetiva dos falantes em relação a elas, sendo a forma marcada aquela que recebe certo destaque perceptivo dos sujeitos participantes do ato comunicativo. Segundo Givón (1990, 1995), essa estrutura classificada como “marcada” pode entrar em evidência por ser: (1) mais estruturalmente complexa; (2) mais cognitivamente complexa em relação ao esforço mental e ao tempo de processamento que requer para a sua produção e compreensão; (3) por apresentar uma baixa frequência no discurso ou pelo seu entrenchamento em contextos comunicativos mais específicos.

2.3.4 Informatividade

Segundo Lambrecht (1994), a estrutura informacional de um enunciado e a estrutura focal podem ser descritos como “o componente semântico de uma proposição pragmaticamente estruturada, na qual a asserção se difere da pressuposição”. Isto é, relacionado à arquitetura do pensamento humano, essa estrutura é o elemento gramatical e sentencial formalizado no nível do discurso que é compelido a transmitir proposições intersubjetivas por meio de estruturas ou construções léxico-gramaticais utilizadas por sujeitos interlocutores em uma determinada situação comunicativa a fim de possibilitar a construção de significados.

No que tange aos diferentes tipos de proposições, o autor estipula dois segmentos proposicionais: a pressuposição, que se caracteriza como uma proposição evocada no nível do discurso por uma sentença formulada a partir das suposições traçadas pelo locutor sobre o conhecimento de seu interlocutor acerca do referente enunciativo apresentado; e a asserção, que consiste em uma proposição cujo conteúdo semântico-pragmático é reconhecido pelo locutor como desconhecido pelo seu interlocutor, sendo identificado e apreendido pelo segundo apenas após a enunciação. Logo, a estrutura informacional é reconhecida aqui como não somente o conteúdo proposicional de semântica abstrata, mas também à maneira que o conteúdo semântico-pragmático é concretizado no enunciado discursivo.

Em relação à estrutura informacional, ainda mobilizamos as categorias de *tópico* e *foco* (Lambrecht, 1994). Segundo o autor, o *tópico* refere-se ao elemento ou elementos composicionais que mobilizam informações conhecidas ou pressupostas. O *foco*, por outro lado, evidencia a parte mais informativa do discurso, apresentando informações discursivas com mais alto grau de novidade ou pragmaticamente irrecuperáveis no contexto discursivo em que figuram. Portanto, a categoria do *foco* representaria no enunciado material informativo *novo* ou imprevisto que, por não poder ser facilmente recuperado pelo interlocutor, destaca-se dos elementos que são topicais no enunciado.

3. Revisão da literatura

A construção com adjetivo adverbial, sobre a qual nos debruçamos neste trabalho, é um objeto prolífico dentro dos estudos linguísticos, já havendo sido explorado sob variadas óticas teórico-metodológicas. Dentre os estudos acerca da construção referida, discutiremos nesta seção alguns trabalhos de caráter tanto funcionalista/cognitivista, quanto tipológicos que trouxeram contribuições essenciais para a discussão sobre o status dos adjetivos adverbiais na língua portuguesa. Desse modo, a seguir, apresentamos reflexões acerca de tais obras, sendo a primeira delas a extensa investigação desenvolvida por Martin Hummel (2002, 2003, 2013a e 2013b), que traça a historiografia dos adjetivos adverbiais em diversas línguas românicas ou neolatinas, incluindo as variedades europeia e brasileira da língua portuguesa, além de elaborar pontos de análise acerca das relações discursivo-pragmáticas em que o objeto está inserido em sincronias do século XX.

Em seguida, discutiremos as contribuições trazidas pela dissertação de mestrado de Mariana Barbosa (2006), que argumenta que os adjetivos adverbializados (denominação adotada pela autora que reflete o seu recorte do objeto) são resultado de um processo de gramaticalização, em que itens da categoria lexical dos adjetivos passam a desempenhar uma função mais sintática ou gramatical como modificadores verbais adverbializados. Também discutiremos os encaminhamentos cognitivistas arquitetados por Victor Virginio (2016), em que a construção com AA, tratada pelo autor como Construções Circunstanciais com Adjetivo Adverbial (CCAAs), é analisada a fim de depreender-se as restrições referentes à sua produtividade e sua aceitabilidade na variedade brasileira da língua portuguesa. Também refletiremos sobre as contribuições da tese de doutorado de Júlia Campos (2019), que descreve as propriedades tanto formais quanto funcionais relacionadas a construção adverbial qualitativa não-prototípica, referida pela autora como construção com AA, e o paralelo traçado entre essa e a construção com advérbio em *-mente*, no PB.

Ademais, observaremos os apontamentos apresentados pela monografia de Rodrigo Tiradentes (2018), pesquisa complementar deste trabalho, uma vez que ambas fazem parte das produções do arquiprojeto de pesquisa “Entre nós e links: análise dos adjetivos adverbializados sob uma perspectiva construcional”, coordenado pela professora doutora Priscilla Mouta Marques. Em sua pesquisa, Tiradentes (2018) busca investigar a rede construcional dos adjetivos adverbiais no português brasileiro, considerando tanto fatores formais quanto semântico pragmáticos. Por fim, discutiremos a contribuição da dissertação de mestrado de Tiradentes (2021), em que o pesquisador, a partir do panorama traçado em

Tiradentes (2018), aprofunda sua análise em rede da construção com adjetivo adverbial de sentido qualitativo no português brasileiro contemporâneo e postula uma categorização bottom-up da rede.

3.1 Hummel (2002, 2003, 2013a e 2013b): Os trajetos dos adjetivos adverbializados nas línguas românicas.

O pesquisador Martin Hummel (2002, 2003, 2013a e 2013b) apresenta uma extensa produção acerca dos adjetivos adverbializados³, em que o autor investiga diferentes sincronias e fases do romance a fim de averiguar o status das estruturas adverbiais e seus processos de formação. Além disso, em suas obras, o autor ainda argumenta sobre as relações discursivo-pragmáticas acerca do objeto delimitado e sobre seus diferentes panoramas nas línguas românicas. Ao se debruçar sobre seu objeto, previamente denominado “adjetivo adverbializado”, o pesquisador identifica o caráter atributivo dessa estrutura, uma vez que modifica o escopo de um verbo, figurando, desse modo, na classe dos atributos.

Segundo Hummel (2013b), a classe dos atributos, prototipicamente adjetivos e advérbios de modo, são estruturas que participam do processo de atribuição ou modificação de outros elementos linguísticos. Isto é, são palavras ou itens léxico-gramaticais que desempenham a função de atribuir certos traços semânticos de seu significado a outro elemento integrante de um determinado enunciado. De acordo com o que é postulado pelo autor, existem ao menos três grupos de unidades linguísticas que podem desempenhar função atributiva nas línguas românicas, sendo eles os advérbios em *-mente*, adjetivos adverbializados e advérbios curtos. Dentre eles, o autor ainda salienta que os dois primeiros grupos, advérbios em *-mente* e adjetivos adverbializados, seriam os mais produtivos nas línguas românicas.

Em relação aos grupos supracitados, inicialmente, Hummel (2002, 2003) alegava que a presença de tais estruturas nas línguas neolatinas implicava a presença de certos processos de formação de palavras. Segundo o autor, os advérbios em *-mente* seriam fruto de um processo de sufixação, enquanto os adjetivos adverbiais seriam o resultado de um processo de conversão. Sendo assim, os advérbios curtos seriam os únicos categorizados como detentores de forma própria. Logo, o pesquisador considerava o adjetivo adverbializado um tipo de

³ A nomenclatura “adjetivo adverbializado” (Hummel, 2002, 2003, 2013a e 2013b) foi previamente adotada para designar o fenômeno do uso de formas adjetivais em contextos de adverbialização, implicando o conceito de gramaticalização (Hopper, P.; Traugott, E.C., 1993; Traugott & Heine, 1991). Entretanto, neste trabalho, optamos pela forma “adjetivo adverbial”, pois alinhamos-nos ao conceito de construcionalização (Traugott e Trousdale, 2013) e enquadramos o fenômeno-alvo como um padrão construcional adverbial já bem estabelecido no PE.

advérbio de modo formado por um processo de conversão de um adjetivo original. Tal hipótese é oriunda da identificação da conversão como um processo geral tanto das línguas do tronco linguístico indo-europeu, quanto, mais especificamente, das línguas do tronco itálico, sendo um dos fenômenos mais antigos do latim. Ainda, Hummel (2002) propõe uma delimitação daquelas que seriam as propriedades definidoras dos adjetivos adverbializados. Segundo o autor tais propriedades seriam a posição fixa adjacente ao verbo, a restrição de elementos intervenientes, a seleção semântica dos adjetivos e a tendência à metaforização e fixação sintagmática.

Ademais, segundo Hummel (2002, 2003), os usos e a manutenção dos elementos atributivos adverbiais estão profundamente atrelados às modalidades do discurso. O autor argumenta em suas publicações que a tradição oral foi essencial para o fortalecimento do processo de conversão nas línguas românicas, ao passo que, a tradição escrita, ao sofrer pressões extralinguísticas atreladas à normatividade, teria privilegiado o uso de advérbios sufixais terminados em *-mente*, em detrimento dos adjetivos adverbializados. Logo, os adjetivos adverbializados corresponderiam à linguagem oral cotidiana, coloquial e menos monitorada. Enquanto, por outro lado, os advérbios sufixais ou advérbios em *-mente* seriam mais frequentes no discurso escrito, uma vez que, tradicionalmente, esse tende a ser mais formal, culto, elaborado e, portanto, monitorado.

Como aponta o linguista, no panorama das línguas derivadas do romance, o espalhamento das estruturas adverbiais atributivas é afetado por questões extralinguísticas influenciadas pela normatividade linguística presente em certas sociedades. Tal encaminhamento nos é relevante, pois, como aponta Hummel (2002), a diferenciação da presença de nosso objeto de pesquisa é especialmente interessante no caso da língua portuguesa. Segundo o pesquisador, há uma grande diferença de produtividade de adjetivos adverbiais nas variedades europeia e brasileira da língua portuguesa. Como averiguado pelo autor, a variedade europeia teria sido fortemente afetada pela presença marcante da norma culta, resultado de um processo de escolarização e normatização linguística escolar historicamente fundamentado. A variedade brasileira, por outro lado, não teria sido tão fortemente influenciada pelos discursos escolares normativos, visto que o processo de escolarização da sociedade brasileira vem sendo mais lento e precário do que a contraparte europeia. Entretanto, este trabalho vai de encontro com o que é postulado por Hummel (2002, 2003), em virtude de nossa suposição de que provavelmente há outras particularidades discursivo-pragmáticas e estruturais quanto à instância de uso dos adjetivos atributivos de verbo, que vão além da relação entre tal objeto com a informalidade e a oralidade.

3.2 Barbosa (2006): Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados.

Em sua dissertação de mestrado, Barbosa (2006) lança um olhar funcionalista sobre o fenômeno dos adjetivos adverbializados no português brasileiro, tendo como base o princípio da fluidez categorial, a fim de depreender as características e os usos dos adjetivos adverbializados e argumentando que eles seriam o resultado de um processo de gramaticalização em decorrência da fluidez semântica e sintática entre as classes gramaticais dos adjetivos e dos advérbios. Tal argumento parte da premissa de que há um *continuum* entre classes mais lexicais, como os adjetivos, e classes mais gramaticais, como os advérbios, em que itens lexicais sofrem um conjunto de mudanças graduais tanto semântico-pragmáticas quanto sintáticas ao se aproximarem dos papéis desempenhados por itens prototipicamente gramaticais. Desse modo, a autora busca depreender os usos dos adjetivos adverbializados ao passo que comprova o processo gradual de mudanças nos campos semânticos e sintáticos desses itens, motivados por contextos de oscilação categorial e ambiguidade e fluidez semântica.

Em seu capítulo referente à metodologia, Barbosa (2006) aponta que, a fim de concretizar sua investigação, a autora lançou mão de dois corpora: o *corpus* do Projeto Discurso & Gramática e o *corpus* do Projeto NURC-RJ. Entretanto, apesar de os corpora apresentarem dados tanto orais quanto escritos, apenas os registros orais foram analisados, uma vez que, com base em investigações prévias, Barbosa (2006) constata uma maior produtividade do fenômeno analisado em modalidades orais. De sua busca, a autora arredou 167 dados válidos que foram utilizados em sua análise. Ainda nesse capítulo, a pesquisadora elucida que busca, com base em Bybee (2003), discriminar a frequência *type* dos dados colhidos entre adjetivos avaliativos, que expressam uma apreciação mais abstrata e subjetiva, e descritivos, que caracterizam, objetivamente, de forma “não contestável”.

A partir de sua análise, Barbosa (2006) traça alguns pareceres sobre o fenômeno denominado pela autora como “adjetivos adverbializados”. De suas contribuições, destacamos aqui as referentes à frequência das tipologias adjetivais; ao ordenamento dos elementos nas cláusulas em que o item adjetivo adverbializado figura; às tipologias verbais e frequências dos itens verbais e à relação do uso do elemento adjetivo adverbializado com

fatores extralinguísticos como o grau de escolaridade, a faixa etária do falante e o nível de formalidade de sua elocução.

Segundo sua análise, a autora constatou que, dentre as 167 ocorrências analisadas, os adjetivos avaliativos se afirmaram os mais frequentes em contextos oscilantes entre adjetivos e advérbios, visto que figuram em 67% dos casos em detrimento dos apenas 33% de adjetivos descritivos. De acordo com a autora, tal panorama aponta positivamente para a compreensão do processo de formação de adjetivos adverbializados como um fenômeno de gramaticalização, posto que é esperado que termos “mais abstratos e mais subjetivos tendem a sofrer mais facilmente o processo de gramaticalização do que aqueles cujo significado é mais preciso” (Barbosa, 2006 apud Heine et al, 1991, Traugott, 1995).

Ainda no que tange aos indícios positivos à caracterização do fenômeno como um processo de gramaticalização, a dissertação assinala que os adjetivos passíveis de conversão em elementos adverbiais são aqueles que ocorrem apenas em contextos de adjetivos prototípicos. Tal dado corrobora a hipótese referente à gramaticalização, à medida que essa estabelece que elementos de alta frequência no discurso são mais suscetíveis a se gramaticalizar.

No que tange a ordenação dos elementos que figuram nas cláusulas em que temos a ocorrência de adjetivos adverbializados, Barbosa (2006) assinala que os adjetivos que performam papéis adverbiais localizam-se, em suas cláusulas, em posição pós-verbal em 83% dos casos averiguados. A autora argumenta que a posição mais fixa do elementos adverbial está relacionada ao princípio da iconicidade (Givón, 1984), especialmente ao subprincípio da proximidade, pois a proximidade semântico-cognitiva se manifesta sintaticamente, o que demonstra o forte laço entre o evento verbal e o adjetivo adverbializado qualitativo que o modifica.

Em relação aos fatores verbais de análise, a dissertação comprova que, em 80% dos casos válidos, a estrutura verbal tende a ser intransitiva, isto é, sem a presença de complementos verbais na cláusula. Segundo a autora, tal dado indica certa cristalização de algumas expressões linguísticas formadas por verbo e adjetivo adverbializado, fator que a pesquisadora associa ao processo de gramaticalização. No que toca a tipologia verbal, a pesquisa demonstra a predominância de verbos materiais, computando 75% dos casos analisados.

Ainda, verificou-se uma variedade de 53 itens verbais para 21 itens adjetivais, em que os verbos mais frequentes no corpus recolhido apresentaram, na maioria das vezes, o mesmo adjetivo adverbializado, formando uma estrutura cristalizada ou lexicalizada como a

sequência “dar certo”, dado interpretado pela pesquisadora como um indício de gramaticalização, visto que “elementos gramaticalizados costumam formar uma série fechada de elementos” (Barbosa, 2006). Já em sua análise acerca do caráter dos itens adjetivais, a autora atestou que a maioria dos adjetivos adverbializados apresentam caráter adverbial qualitativo, ou seja, imprimiram sobre a estrutura verbal uma qualificação do modo de ação verbal. Segundo a pesquisadora, esse resultado corrobora aquilo que é apontado por Martelotta (2004), quando esse aventa que estruturas adverbiais qualitativas tendem a modificar verbos materiais.

Por fim, a análise dos fatores extralinguísticos não se mostrou proeminente nos resultados da pesquisa, com exceção da variável “idade”. Segundo a autora, seus resultados vão de encontro ao que é postulado por Hummel (2002b, 2003), visto que, de acordo com sua hipótese, o uso de adjetivos adverbializados seria mais proeminente em enunciados produzidos por falantes de baixa escolaridade ou em discurso informal, o que não foi totalmente atestado pelos dados analisados da variedade brasileira do português.

3.3 Virgínio (2016): Análise da estrutura informacional e da Construção Circunstancial de Adjetivo Adverbializado do PB.

Em seu trabalho de conclusão de curso, à luz de preceitos cognitivistas, especialmente da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), Virgínio (2016) busca investigar a produtividade da Construção Circunstancial com Adjetivo Adverbial (CCAA) na variedade brasileira da língua portuguesa. A partir da hipótese de que a CCAA apresenta restrições pragmáticas em relação à estrutura informacional que ocasionam uma afluência focal que tende a recair exclusivamente sobre a sequência Verbo + Adjetivo Adverbial, o autor intenciona responder ao questionamento “por que certas combinações entre construções são possíveis, ao passo que outras combinações são bloqueadas?” (Virgínio, 2016 p.11) ao apurar a relação entre o conhecimento gramatical, conhecimento estatístico e a aceitabilidade da CCAA por falantes de português brasileiro.

De acordo com o pesquisador, sob as lentes da GFBU, a criatividade linguística do falante é entendida como um problema de produtividade construcional. Isto é, a criatividade linguística é decorrente da capacidade de uma determinada construção em aceitar novas instâncias de construções inéditas subjacentes àquela (Virgínio, 2016 apud Barddal, 2008). A fim de tratar de tal questão teórica, Virgínio (2016) mobiliza os conceitos de natureza gramatical e de natureza estatística. Primeiramente, o conhecimento gramatical refere-se às

restrições impostas às construções por fatores de caráter fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, vinculadas diretamente à compatibilidade de traços gramaticais entre as construções integradas. Sob tal perspectiva, uma sentença é considerada bem-formada sempre que as construções subjacentes a ela forem formal e semanticamente compatíveis.

Já o conhecimento estatístico é relativo ao registro da experiência linguística concreta do falante. Segundo o autor, esse conhecimento implica o armazenamento da frequência da ocorrência de um determinado item (*token frequency*), bem como o conjunto de itens que ocorrem em determinada construção (*type frequency*). A partir desse registro informacional, postula-se a existência de dois processos que contribuiriam para minimizar ou bloquear a produtividade de uma construção: o conservadorismo por enraizamento (*entrenchment*), que prevê que o falante tende a rejeitar combinações pouco frequentes entre item concreto e construção abstrata, e o bloqueio estatístico, que se refere à tendência do falante a evitar um determinado item A em uma construção mais abstrata ou esquemática X caso ele experiencie, sistematicamente, esse mesmo item A em uma construção funcionalmente equivalente Y (Virgínio, 2016).

A fim de atestar suas hipóteses acerca da relação entre o conhecimento gramatical, conhecimento estatístico e a aceitabilidade do fenômeno, Virgínio (2016) emprega dois processos metodológicos distintos. Em um primeiro momento, o autor coletou ocorrências do fenômeno supracitado em corpora online, controlando a frequência das ocorrências, postulando quais itens adjetivais com função adverbial apresentam alta ou baixa frequência de uso. Além disso, em um momento posterior de sua pesquisa, o pesquisador utilizou uma metodologia experimental que consistia em um experimento psicolinguístico off-line de julgamento de aceitabilidade, baseado na Escala Likert de cinco pontos. No referido experimento, informantes convidados foram expostos a sentenças com estruturas informacionais divididas entre aquelas com foco exclusivo e outras com foco compartilhado, além de construções com adjetivos tanto de alta quanto de baixa frequência de acordo com o que foi atestado pela análise dos dados coletados dos corpora.

Em suma, a partir dos dados coletados através dos dois encaminhamentos metodológicos, o pesquisador pode elaborar algumas conclusões parciais e finais. Primeiramente, após a aplicação do teste psicolinguístico, comprovou-se que a média das notas dadas às sentenças com foco exclusivo foi expressivamente maior que aquelas conferidas às sentenças de foco compartilhado. Logo, com base no que apontam seus dados, Virgínio (2016) indica que, ao menos aparentemente, a exclusividade de foco informacional é uma característica semântico-pragmática das CCAAs. Ademais, a análise de dados apontou

positivamente para a relação proporcional entre frequência e aceitabilidade, sendo verificado o papel central da experiência de uso do falante, evidenciando-se a favor da hipótese da GCBU referente a uma arquitetura gramatical de origem sociocognitiva. Por fim, a conclusão a qual o pesquisador chega em seu trabalho é a de que as CCAAs são construções gramaticais ao menos parcialmente produtivas que têm sua produtividade limitada pela estrutura informacional.

3.4 Campos (2019): A Competição entre [VERBO ADJETIVO ADVERBIAL] E [VERBO XMENTE] na rede construcional qualitativa do português brasileiro: Uma análise centrada no uso.

Em sua tese, Campos (2019) busca investigar e descrever as propriedades tanto formais quanto funcionais que caracterizam uma construção adverbial qualitativa não-prototípica, referida aqui como construção com adjetivo adverbial, e compará-la a construção com o padrão de modificação canônico, também referenciada como construção com advérbio em -mente, na variedade brasileira da Língua Portuguesa. Ainda, a autora estipula que “a construção [V Adjetivo Adverbial]Qualit⁴ é um pareamento de forma e função instanciado por um esquema maior [V Adverbial]Qualit⁵, o qual também licencia as construções com advérbios em -mente, representada por [V Xmente]Qualit⁶”.

Assim como neste trabalho, Campos (2019) lançou mão do *Corpus do Português* para a coleta de seus 390 dados da construção com adjetivo adverbial e 82 com advérbios canônicos. Entretanto, a autora explorou a aba *web* disponibilizada pelo *Corpus*, em que investigou, primariamente, textos oriundos de blogs online. Dentre os dados aferidos, a autora restringiu sua coleta apenas àqueles que apresentaram equiparação formal entre adjetivos adverbiais e advérbios canônicos, ou seja, àqueles que apresentaram mesma base lexical.

A tese ainda estabelece sua hipótese geral de que as duas construções linguísticas aferidas seriam semanticamente semelhantes, no que tange a semântica de qualidade, apesar de suas configurações formais e seu caráter pragmático e discursivo distintos. A fim de apurar a concretude de sua hipótese, a autora estabelece seis pontos focais de análise. Sendo estes, (i) frequência type e token do verbo e do adjetivo; (ii) tipo semântico do verbo e do

⁴ Notação proposta pela autora para a sequência “verbo + adjetivo adverbial” de semântica qualitativa.

⁵ Notação proposta pela autora para a sequência “verbo + elemento adverbial” de semântica qualitativa.

⁶ Notação proposta pela autora para a sequência “verbo + advérbio terminado em -mente” de semântica qualitativa.

adjetivo; (iii) transitividade verbal; (iv) presença e natureza do elemento interveniente entre o verbo e o item adverbial; (v) estrutura informacional e (vi) composicionalidade.

Em sua seção de resultados, Campos (2019) nos apresenta apontamentos frutíferos, dentre os quais, destacamos aqueles que consideramos mais pertinentes à nossa investigação. Primeiramente, ao comparar o total de ocorrências coletadas do padrão [V AAdj]⁷ de pareamento semântico qualitativo com [V Xmente]Qualit, a autora salienta a soberania numérica dos dados instanciados pelo subesquema [V AAdj] em relação aos instanciados por [V Xmente]Qualit. A partir deste prospecto comparativo, Campos (2019) argumenta que o subesquema qualitativo com adjetivo apresenta tendências de alta produtividade no Português Brasileiro. A autora ainda esclarece que, de fato, os advérbios em -mente são mais produtivos e mais frequentes na língua que os adjetivos adverbiais ao considerarmos todos os possíveis contextos de atuação destes elementos. Entretanto, a cientista afirma que, ao que tange a modificação qualitativa de atribuição de modo ou maneira, a construção com adjetivo adverbial é também expressivamente produtiva. Ainda, tomando por base a frequência type como um dos indicadores da produtividade de uma construção na língua, a autora argumenta que os subesquemas [V forte] e [V alto] são os mais produtivos entre os sete subesquemas de construção com adjetivo adverbial averiguados em sua tese, visto que aceitam mais itens verbais ocupando o slot V que os outros subesquemas, proporcionando-nos 62 microconstruções diferentes com forte e 47 com alto. Precedente que nos é caro uma vez que sinaliza positivamente para a relação causativa entre frequência de uma determinada construção e a força de sua representação na memória do falante (BYBEE, 2010).

A fim de investigar a extensão dos tipos semânticos verbais licenciados por suas construções-alvos, Campos (2019) emprega uma revisão feita por Martelotta (2004) da proposta de classificação de Scheibman (2001), que, por sua vez, faz algumas modificações na proposta de Halliday (1994) e Dixon (1991). A partir de Martelotta (2004), a autora hipotetiza que as construções adverbiais qualitativas tenderiam a modificar verbos de semântica material que envolvem o universo biossocial do falante. Logo, os advérbios qualitativos designariam a maneira pela qual tais atividades verbais sucederiam.

A partir de seus dados, a tese argumenta a favor da comprovação parcial da hipótese apresentada, visto que a semântica material foi expressiva nas duas seções do corpus coletadas referentes às construções averiguadas. Contudo, no que tange a construção [V AAdj], a semântica de modo figura em segundo lugar, apresentando 33% das ocorrências.

⁷ Notação particular proposta pela autora em sua dissertação, mas que igualmente à notação [V AA], utilizada nesta monografia, se refere à construção com adjetivo adverbial.

Dentro do escopo da construção com adjetivo adverbial, a semântica ligeiramente mais produtiva foi a de verbos de atividade verbal, representando 35,7% do total de dados. A autora argumenta que esse resultado está intimamente relacionado com a alta frequência do subesquema [V alto]. A partir dessa análise, a tese debate as preferências por certas categorias semânticas verbais de certos subesquemas, como [V alto], [V forte], [V socialmente] e [V claramente], devido à compatibilidade semântica entre suas unidades adverbiais e os verbos licenciados por eles. Por fim, a tese conclui que, segundo seus dados, os verbos que ocupam o slot do esquema [V AAdj]Qualit apresentaram preferencialmente semântica de atividade verbal (35,7%), seguido por verbos materiais (33%) e, em terceiro lugar, verbos corpóreos (19,8%).

No tocante às categorias semânticas adjetivias, a tese também faz apontamentos dignos de nota. Para a classificação semântica dos adjetivos licenciados pela construção [V AAdj]Qualit, assim como nesta monografia, Campos (2019) emprega a classificação ofertada por Castilho (2010). A partir de sua análise, a pesquisadora atesta que as categorias semânticas mais representativas são os qualificadores dimensionadores, que conferem alguma dimensão ao verbo, os qualificadores graduadores de intensidade, os que veiculam um aspecto intensificador à ação verbal, e os modalizadores, aquelas que atribuem aspectos subjetivos ao verbo. Ademais, a autora argumenta que a semântica do item adjetival também exerce forte influência sobre a semântica da construção como um todo, conferindo-lhes especificações envolvendo cada um dos subesquemas.

Quanto à transitividade verbal, a autora aventa que instâncias de [V AAdj] provavelmente seguiriam o padrão intransitivo, o que resultaria no caráter intransitivo do item verbal licenciado, devido à força coercitiva da construção. Por outro lado, a construção [V Xmente] tenderia ao padrão transitivo, selecionando argumentos internos. Através de sua análise, a autora constata que o fator transitividade verbal é, de fato, relevante para a diferenciação das construções [V AAdj] e [V Xmente] qualitativas, posto que a primeira apresenta forte tendência à intransitividade, uma vez que, dentre seus dados, 80% dos verbos modificados por adjetivos ocorreram na forma intransitiva. Logo, a partir do que os dados apontam, a autora argumenta a favor da confirmação de sua hipótese inicial em relação à intransitividade verbal como uma propriedade formal dessa construção, que, devido à sua força coercitiva, leva os verbos que figuram nela à intransitividade. Ainda, a autora propõe que o caráter intransitivo da construção com AAdj poderia ser motivado por propriedades pragmático-discursivas.

A partir do trabalho de Virgínio (2018), Campos (2019) averigua as estratégias de focalização nas construções qualitativas [V AAdj] e [V Xmente]. Sua hipótese inicial consiste na possibilidade de que construções com adjetivos adverbiais apresentariam foco exclusivo, isto é, a novidade da informação seria vinculada unicamente à sequência Verbo e Adjetivo. Sendo assim, esta construção tenderia a não compartilhar a “novidade” com outras unidades sintáticas. Em sua análise de dados, a cientista confirma sua hipótese de que a construção [V AAdj]Qualit apresentaria mais foco exclusivo e a construção [V Xmente]Qualit mais foco compartilhado, visto que aproximadamente 70% dos dados com adjetivo são de foco exclusivo contra 30,5% de casos de compartilhamento. Logo, como postula a autora, “a construção [V AAdj] selecionaria menos argumentos internos em comparação aos verbos modificados por advérbios canônicos devido a sua forte tendência à intransitividade.”

Por fim, o último fator de análise de Campos (2019) relevante a esta monografia se refere à presença de elementos intervenientes nas construções. Nesse sentido, a autora buscou observar a presença ou ausência de elementos estruturais entre as unidades verbo + adverbial com o objetivo de captar maior ou menor grau de integração entre as unidades que compõem a construção. Posteriormente, também tentou relacionar este fator aos níveis de composicionalidade que estas construções podem apresentar. No que tange à construção [V AAdj], a autora estipula que menos elementos intervenientes seriam licenciados, devido ao fato de constituir uma unidade mais integral entre verbo e adverbial do que sua contraparte canônica. Dentre os elementos intervenientes averiguados, os adjuntos graduadores foram os mais recorrentes, em suma, devido ao fato da construção [V AAdj] envolver dois itens, o verbo e o elemento adverbial, que podem receber atribuição de intensidade. Desse modo, adjuntos graduadores são previstos neste tipo de construção e, por fim, interferem pouco na integração das unidades.

3.5 Tiradentes (2018): A construção com adjetivo adverbial: investigando sua configuração no português brasileiro do século XX

Em sua monografia, Tiradentes (2018) lança luz sobre o comportamento e organização da construção com adjetivo adverbial na variedade brasileira da língua portuguesa. Também sob a perspectiva da teoria da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), o autor assume que os ditos adjetivos adverbiais seriam elementos que compartilham propriedades com a categoria dos adjetivos, mas que formam com o verbo ao qual se relacionam uma

construção adverbial, representada por [V AA]. Assim sendo, o objeto geral deste estudo não são os itens adjetivais em si, mas a construção com adjetivo que supostamente flutua entre as categorias dos modificadores nominais e verbais, composta por um verbo e um adjetivo que apresentam forte integração sintática e semântica de modo a formar um todo significativo, uma construção.

Levando em consideração tanto fatores de ordem formal quanto de ordem discursivo-pragmática, o autor analisa qualitativa e quantitativamente um *corpus* de 1221 ocorrências coletadas no *Corpus do Português* do século XX. Dentre os fatores analisados mencionados anteriormente, destacam-se: (i) a ordenação dos elementos que compõem a construção; (ii) a presença e a qualidade de possíveis elementos intervenientes; (iii) a variedade de itens adjetivais e verbais na construção e a sua respectiva produtividade; (iv) o tipo semânticos dos itens verbais e adjetivais que figuram na construção; (v) a estrutura argumental das cláusulas verbais em que a construção figura; (vi) a estrutura informacional das cláusulas em que se há ocorrências da construção; (vii) a frequência das ocorrências em modalidade oral e escrita e em diferentes domínios discursivos.

No que tange o fator ordenação dos elementos componentes, Tiradentes (2018) atesta que o padrão correspondente a verbo na voz ativa e adjetivo posposto é muito mais frequente que os demais padrões de ordenação; sendo os padrões que apresentam adjetivo posposto ao verbo (V AA e Vaux V AA) amplamente mais frequentes que suas respectivas contrapartes, que apresentam adjetivo anteposto (AA V e AA Vaux V). À vista desse fato, o autor argumenta a favor da comprovação da hipótese referente à preponderância da posposição do adjetivo em detrimento da anteposição.

Quanto aos possíveis elementos intervenientes, como previsto pelo pesquisador, o conjunto de ocorrências sem elementos intervenientes se mostrou percentualmente muito maior relevante que os demais, que apresentam um ou mais elementos intervenientes. Ainda, o autor aponta uma possível relação inversamente proporcional entre a frequência de ocorrência; uma vez que quanto maior é a quantidade desses elementos, menor é o total de ocorrências. Dentre os elementos que foram licenciados pela construção e figuram como elementos intervenientes, foram identificados elementos posteriormente classificados dentro de parâmetros morfossintáticos como adjunto graduador do adjetivos, argumentos internos, argumentos externos, complementos nominais do adjetivo, adjuntos adverbiais do verbo, predicativos do sujeito e conjunções.

Entretanto, o tipo mais frequente foi o adjunto graduador do adjetivo, somando quase 70% dos dados. Segundo o autor, a alta frequência de adjuntos graduadores corrobora a

hipótese de que tal categoria seria a principal, já que corresponderia ao tipo que menos interfere na integração entre verbo e adjetivo.

Assim como Campos (2019), para a classificação semântica dos verbos, Tiradentes (2018) lança mão da classificação de Scheibman (2001) revisada por Martelotta (2004). Dentre seus dados, o autor localizou, ao todo, onze tipos semânticos verbais diferentes. Entretanto, apenas três apresentaram alta frequência percentual; sendo eles os verbos materiais, os de atividade verbal e os corpóreos. Fundamentado em tais achados, Tiradentes (2018) argumenta que, apesar de poder licenciar a maioria das categorias semânticas verbais, a construção com AA é mais fortemente relacionada aos três tipos supracitados. Assim sendo, comprova-se a hipótese aventada pelo pesquisador acerca da alta frequência dos verbos materiais e, conseqüentemente, a consolidação de seu status como verbos prototípicos da construção.

No tocante aos tipos adjetivais, o autor utiliza a classificação proposta por Castilho (2010), encontrando, dentre seus dados, cinco tipos de adjetivos. Como esperado pelo autor, todos os tipos identificados são de adjetivos predicativos e o mais frequente foi o tipo qualificador polar, previamente agrupado ao tipo dimensionador por motivações metodológicas.

Quanto ao fator transitividade verbal, em sua análise, o autor delinea que a construção tende a ser intransitiva. Uma vez que, embora os construtos com verbos transitivos ou em uso transitivo sejam numerosos, eles tendem a apresentar argumentos internos não-prototípicos, como os complementos circunstâncias, ou são motivados pelo domínio discursivo. Em suma, o pesquisador aponta que a construção com AA é prototipicamente intransitiva, podendo instanciar, por razões contextuais, construtos transitivos.

No que tange a estrutura informacional, Tiradentes (2018) toma como hipótese a exclusividade de foco sobre a sequência verbo + adjetivo adverbial (e seus possíveis elementos intervenientes) a partir de seu diálogo com Virgínio (2016). Em sua monografia, o autor observa a estrutura informacional em duas instâncias: na cláusula (oração em que o construto ocorre) e na sentença (oração do construto mais as suas orações subordinadas). Sinteticamente, na maioria dos enunciados, os dados, de fato, apontaram foco exclusivo sobre a sequência verbo e adjetivo adverbial, corroborando sua hipótese inicial para este fator. Assim, como aponta o autor, na cláusula, o foco incide unicamente sobre a sequência em quase 75% dos dados analisados; na sentença, o mesmo ocorre em quase 90% do total de dados.

Por fim, em relação ao último fator de análise acerca dos grupos textuais por modalidade e por domínio discursivo, Tiradentes (2018) atestou que a construção ocorre com maior frequência em textos orais e em textos de domínio interpessoal e ficcional. Acerca do último, o autor argumenta que a alta frequência em domínio interpessoal apontaria o caráter mais coloquial da construção. Por sua vez, a preponderância da construção no domínio ficcional sugeriria que o discurso literário ou a tipologia narrativa apresentariam certa propensão ao licenciamento da construção com AA.

3.6 Tiradentes (2021): Adjetivos adverbiais na rede construcional do português brasileiro: uma proposta de categorização bottom-up do padrão [V AA] com sentido qualitativo.

Em sua dissertação de mestrado, Tiradentes (2021) relança um olhar construtivista sobre a construção com adjetivo adverbial. Contudo, desta vez o autor se propõe a analisar minuciosamente a construção com adjetivo adverbial de caráter qualitativo, doravante [V AA][Qualit]. Assim como em Tiradentes (2018), este novo trabalho parte dos preceitos da LFCU em busca de apreender as propriedades de ordem morfossintática, semântica, discursivo-pragmática e contextual que caracterizam e peculiarizam a construção alvo.

Dentre seus objetivos específicos, o autor destaca: (i) analisar a configuração formal dos elementos verbais e os adjetivos adverbiais na construção [V AA][Qualit]; (ii) apurar o nível de integração estrutural e cognitiva entre os itens verbais licenciados e os adjetivos adverbiais ao determinar os possíveis elementos intervenientes e sua natureza morfossintática; (iii) analisar a estrutura argumental do elemento verbal atrelado à [V AA][Qualit] ao apreender os possíveis complementos verbais sentenciais; (iv) aferir o nível de produtividade dos subsquemas e da construção mais esquemática [V AA][Qualit] a partir da identificação dos itens verbais e adjetivais licenciados pela construção e sondar suas frequências e relações combinatórias entre si; (v) apurar os tipos semânticos dos verbos e adjetivos licenciados e suas relações semânticas e morfossintáticas a fim de aferir a abrangência semântico-pragmática da construção [V AA][Qualit] no PB; (vi) examinar a estrutura informacional nas cláusulas em que os construtos de [V AA][Qualit] figuram, verificando se o foco informacional recai apenas na sequência “verbo + adjetivo adverbial” ou se o compartilha com outras porções da cláusula; (vii) aferir se a construção [V AA][Qualit] está relacionada a contextos comunicativo específicos ao passo em que analisa-se a modalidade e o nível de formalidade dos textos em que os construtos de [V AA][Qualit] figuram entre os dados.

Para a coleta de dados, Tiradentes (2021) revisita o *Corpus do Português*. Contudo, a fim de complementar sua análise acerca dos fatores relacionados ao domínio discursivo e à formalidade, o autor adotou também um segundo corpus: o *C-Oral Brasil 1*. Diferentemente daquele, os textos deste possuem caráter predominantemente oral e informal. A partir de tal coleta de 1220 dados, o autor aponta a existência de quatro níveis hierárquicos, formados respectivamente por 48 microconstruções, 16 subesquemas menos esquemáticos, 6 subesquemas mais esquemáticos e 1 subesquema central. A partir desses dados, o pesquisador promove duas análises simultâneas: uma quali-quantitativa, relacionada aos fatores formais e semântico-pragmáticos, e uma análise colostrucional⁸, que visa identificar as combinações estatisticamente mais frequentes entre itens verbais e adjetivos adverbiais que apresentam maiores regularidades nas materializações da construção.

Em sua seção de resultados, Tiradentes (2021) nos apresenta indicações significativas, dentre as quais, destacamos aquelas que consideramos mais pertinentes à nossa pesquisa. No que tange à ordenação dos elementos componentes, em confluência com os achados de Tiradentes (2018), o autor indica que 99,4% dos dados apresentam o padrão de posição posposta do adjetivo adverbial. Tal dado corrobora com pesquisas previamente mencionadas nesta seção e aponta positivamente para nossa própria hipótese quanto à posição sintática do adjetivo adverbial na construção [V AA] no PE.

Quanto à presença de possíveis elementos intervenientes, Tiradentes (2021) comprova novamente que a construção [V AA] tende a não licenciar elementos entre a estrutura verbal e o adjetivo adverbial, posto que, dentre seus dados 1220, 75% das ocorrências não apresentaram qualquer elemento interveniente e que, dentre os 25% restantes, 23,6% foram casos de apenas um elemento interveniente, sendo os casos de dois ou três elementos extremamente escassos. Segundo o autor, tais dados corroboram os achados de Barbosa (2006) e Campos (2019) e apontam positivamente para a atuação do princípio da iconicidade na sequência “verbo+adjetivo adverbial”, especialmente o subprincípio da proximidade, que elucida que elementos que são processados cognitivamente de forma próxima tendem a se materializar juntos no discursivo. Quanto aos elementos intervenientes que figuram entre os dados do pesquisador, verificou-se que a sua grande maioria (15,1%) corresponde a adjuntos graduadores do adjetivo adverbial, o que, devido a seu caráter semântico “satélite”, não

⁸ Por “análise colostrucional”, Tiradentes (2021) refere-se à análise do grau de atração ou repulsa entre um determinado item lexical e uma determinada construção, a fim de aferir possíveis especificidades semântico-pragmáticas materializada na relação desses elementos linguísticos (STEFANOWITSCH; GRIES, 2003, 2005; GRIES; STEFANOWITSCH, 2004a, 2004b apud. TIRADENTES, 2021).

apresentam informações novas que possam gerar vãos cognitivos entre o verbo e o adjetivo adverbial.

Em relação ao complemento verbal, Tiradentes (2021) comprovou que, majoritariamente, a construção tende a não apresentar qualquer complemento (6,1%), privilegiando estruturas verbais transitivas ou em uso transitivo. Quanto aos tipos semânticos verbais e adjetivais, a dissertação aponta que, majoritariamente, os verbos materiais (41,2%) são os mais frequentes entre os construtos analisados, seguidos pelos verbos de atividade verbal (23,7%). Todavia, como apontado pelo autor, 84,4% dos dados com verbos de atividade verbal ocorreram em textos de domínio ficcional, o que, segundo o mesmo, parece indicar que a alta frequência desse tipo verbal se deve à marcante presença de textos ficcionais no *Corpus do Português*.

Já em relação aos tipos semânticos dos adjetivos adverbiais, a dissertação apresenta um processo metodológico mais específico e apurado. Segundo o autor, a fim de determinar as ocorrências de sentido estritamente qualitativa, foram selecionados para análise apenas os itens que pudessem ser classificados como adjetivos polares ou dimensionadores, categorias prototipicamente qualitativa. Posto isto, Tiradentes (2021) aponta quatro grupos adjetivais de maior frequência entre seus dados, sendo eles os adjetivos de avaliação (23,8%), de dimensão (23,7%), de direção (16,0%) e de propriedade física (15,4%).

Ainda sobre os tipos adjetivais, Tiradentes (2021) aponta que a natureza categorial dos adjetivos adverbiais precisa ser revista, pois, a partir da análise de dados, notou-se que há um número considerável de dados com adjetivos de escopo mais concreto, apesar de, como esperado, os adjetivos adverbiais de escopo mais abstrato comporem a maioria. Outro apontamento relevante feito pelo pesquisador corresponde à relação entre o item adjetival e a estrutura verbal. Segundo ele, muitos dos dados abordados apontam que adjetivos como os dimensionadores não modificam diretamente o verbo, mas sim a circunstância do evento ou a só recair sobre o escopo verbal após modificarem um escopo nominal. Desse modo, Tiradentes (2021) argumenta que parte considerável dos adjetivos adverbiais mantém, ao menos parcialmente, características prototipicamente adjetivais, situando-se em um ponto de transição no *continuum* adjetivo-advérbio.

No que tange a estrutura informacional, os dados de Tiradentes (2021) corroboram os apontamentos da pesquisa predecessora (Tiradentes, 2019), pois indica que 72,5% dos dados se configuram como casos de foco exclusivo. Logo, novamente, demonstra-se que a construção com adjetivo adverbial tende a não compartilhar foco informacional com qualquer outro elemento sintagmático não incluso em sua configuração primária.

Por fim, em relação à modalidade e ao domínio discursivo, Tiradentes (2021) demonstra que a frequência relativa dos construtos analisados é quase 3 vezes maior em textos orais do que em suas contrapartes escritas. Além disso, o autor observa que a frequência relativa em textos híbridos também é maior do que nos escritos. Logo, argumenta-se que a construção [V AA][Qualit] tende a figurar em textos orais e sua ocorrência tende a ser progressivamente menor ao passo que move-se em direção ao polo escrito no *continuum* fala-escrita, o que corrobora os apontamentos de Hummel (2002, 2003).

4. Objetivos e Hipóteses

Conforme previamente mencionado, o objetivo central desta monografia é mapear a rede da construção com adjetivo adverbial – [Verbo Adjetivo Adverbial] – no português europeu do século XX, a partir da investigação de fatores formais e discursivo-pragmáticos envolvidos em seu uso. Além disso, também delineamos alguns objetivos específicos. São eles:

(i) obter a frequência das diferentes possibilidades de ordenação dos elementos componentes da construção com adjetivo adverbial, como as ordens [Adjetivo Adverbial (X)]⁹ Verbo] e [Verbo (X) Adjetivo Adverbial];

(ii) identificar e analisar os itens verbais e os itens adjetivais, bem como os tipos de verbos e de adjetivos licenciados pela construção;

(iii) observar as configurações de estrutura argumental licenciadas pela construção;

(iv) observar a frequência e a natureza de possíveis elementos intervenientes na construção;

(v) observar a modalidade e o gênero textual em que a construção ocorre;

(vi) averiguar a estrutura informacional da construção, observando se o foco recai exclusivamente sobre a sequência verbo + adjetivo adverbial ou se é compartilhado com outro elemento da sentença;

⁹ Por (X), simbolizamos quaisquer elementos linguísticos que possivelmente figurem na construção com adjetivo adverbial entre o item verbal e o item adjetival. Por exemplo, argumentos do verbo, adjuntos graduadores ou pronomes clíticos.

(vii) aferir as disparidades tanto formais quanto pragmáticas das redes da Construção com Adjetivo Adverbial nas variedades brasileira e europeia da língua portuguesa.

Quanto a nossas hipóteses, partimos da premissa de que a utilização do padrão construcional [V AA] se deve a objetivos discursivo-pragmáticos específicos, visto que, possivelmente, o falante recorre a essa estrutura a fim de atingir algum propósito funcional não contemplado por outros padrões adverbiais de mesma base lexical. Logo, relacionadas aos objetivos mencionados anteriormente, temos nossas hipóteses específicas referentes aos usos e possibilidades tanto formais quanto funcionais da construção. São elas:

(i) À luz do princípio da iconicidade (Givón, 1984), o padrão [V AA] seria o mais frequente, sendo considerado, portanto, como prototípico;

(ii) A construção tenderia a não exibir elementos intervenientes e, quando o fizesse, licenciaria apenas um elemento, sendo este majoritariamente um adjunto graduador;

(iii) A construção licenciaria principalmente verbos materiais, posto que também são os mais recorrentes na língua, e adjetivos graduadores polares, uma vez que supomos que a construção tenha caráter predominantemente qualitativo.

(iv) Os verbos licenciados pela construção tenderiam a ser intransitivos¹⁰ ou a serem usados intransitivamente. Isso se deve ao fato de o elemento modificador do verbo nesta construção ser um adjetivo, que também funciona na língua como um modificador nominal.

(v) Supomos também que a construção com adjetivo adverbial ocorra com frequência relevante em textos escritos e/ou mais formais, hipótese que devemos à ocorrência significativa de tal construção em textos escritos e de maior grau de formalidade no português brasileiro atual, como atestado por Tiradentes (2018), embora Hummel (2002) afirme que o uso do adjetivo adverbial esteja mais fortemente relacionado à informalidade e à oralidade;

(vi) Supomos ainda que as construções com adjetivo adverbial nas variedades brasileira e europeia da língua portuguesa teriam suas particularidades tanto sintáticas quanto semântico-pragmáticas, como o licenciamento de diferentes itens adjetivais e verbais, ou como a prevalência da construção [V Xmente] de mesma base lexical da construção com adjetivo adverbial na variedade europeia, conforme aponta Hummel (2002b, 2003);

¹⁰ A estrutura argumental dos verbos licenciados pela construção foram analisados de acordo com a classificação de Rocha Lima (1994).

(vii) Baseando-nos no que é proposto por Virginio (2018), argumentamos que o foco da cláusula tenderia a recair apenas sobre a sequência verbo + adjetivo adverbial, visto que, predominantemente, não haveria argumento interno e o argumento externo tenderia a vir em posição de tópico, associada à informação velha;

(viii) Por fim, baseando-nos no que é proposto por Campos (2019), argumentamos que a relação entre as propriedades semânticas dos itens verbais e adjetivas é essencial para o licenciamento dos mesmos dentro da construção.

5. Metodologia

A fim de atingir os objetivos propostos e verificar as hipóteses aventadas neste estudo, coletamos dados do português europeu do século XX na versão recentemente atualizada do *Corpus do Português*, que disponibiliza uma vasta gama de ocorrências presentes em diversos domínios discursivos/gêneros textuais, possibilitando, assim, um rastreamento mais aprofundado da influência dos contextos discursivos na utilização da construção sob investigação. Através do *corpus* escolhido, selecionamos para análise textos tanto escritos quanto orais, buscando controlar a modalidade e a tipologia textual. Já a coleta em si se deu através da seleção da categoria dos adjetivos na ferramenta de busca do *corpus* e da observação de todas as ocorrências listadas, identificando, dentre essas, quais desempenhavam função adverbial na construção em que estavam inseridas. Ainda, levando em consideração a proposta e os objetivos apresentados nesta monografia, que consistem na análise da construção em que o adjetivo atua como modificador do escopo verbal, desconsideramos dados em que o caráter adverbial dos construtos é ambíguo ou nebuloso, como quando esse pode ser interpretado tanto como um modificador verbal quanto como um predicativo do sujeito.

No passo referente à análise, levamos em consideração o aporte teórico mencionado anteriormente. Portanto, ao traçarmos nossos posicionamentos, investigamos características relacionadas à forma e ao sentido a partir da análise de fatores estruturais e discursivo-pragmáticos da construção, como:

- (i) Ordenação dos elementos componentes da construção;

(ii) Itens verbais e adjetivais licenciados pela construção: foram listados e quantificados através da averiguação de sua frequência entre as ocorrências coletadas, sendo levada em conta a sua possível produtividade na construção.

(iii) Tipos verbais licenciados pela construção: para a análise e classificação dos tipos verbais, lançamos mão da proposta de análise de Martelotta (2004), que, por sua vez, revisa a proposta anterior de Scheibman (2001). Desse modo, consideramos nessa pesquisa treze classes verbais: verbos corpóreos, de atividade verbal, de sentimento, de percepção, de percepção/relacional, materiais, de cognição, de crença, existenciais, relacionais e possessivos/relacionais, modais e leves.

(iv) Tipos adjetivais licenciados pela construção: para a análise e classificação dos tipos adjetivais, adotamos a proposta de Castilho (2010). Segundo o autor, os adjetivos se dividem em três grupos: predicativos, verificadores e dêiticos; por sua vez, eles se decompõem em subtipos seguindo o esquema abaixo:

- a) Adjetivos predicativos: modalizadores; qualificadores ou quantificadores.
- b) Adjetivos verificadores: classificadores; pátrios; gentílicos ou de cor.
- c) Adjetivos dêiticos: locativos ou temporais.

(v) Possível presença de elementos intervenientes e sua natureza;

(vi) Estrutura argumental da construção: para a análise da estrutura argumental, optamos pela classificação de Rocha Lima (1994), considerando os possíveis argumentos internos como: objeto direto, objeto indireto, complemento relativo e complemento circunstancial;

(vii) Estrutura informacional: com base em Virgínio (2016) e Tiradentes (2018, 2021), consideramos como casos de foco exclusivo aqueles em que o foco recai unicamente sobre a construção a sequência verbo + adjetivo adverbial, ao passo que os enunciados de foco compartilhado seriam aqueles em que o foco informacional recai sobre a construção e outro elemento sentencial.

(v) Domínio discursivo e tipos de texto: devido a certas incongruências quanto à classificação de textos do *Corpus do Português*, adotamos aqui a classificação proposta por Tiradentes (2018) a partir dos conceitos desenvolvidos por Marcuschi (2009). Para a investigação dos tipos de texto, adotamos os quatro grupos de textos propostos por Tiradentes (2018), sendo eles: textos orais (aqueles em que se inserem os *corpora* orais e as citações de

corpora orais dentro do grupo de textos “acadêmicos”¹¹), textos híbridos 1 (aqueles referentes às entrevistas jornalísticas dos “textos orais”), textos híbridos 2 (aqueles em que se encontram os diálogos presentes nos “textos ficcionais” e as transcrições de fala em “notícias”) e, por fim, textos escritos (aqueles em que se localizam textos “ficcionais”, “acadêmicos” e “notícias”, salvos os trechos classificados como híbridos).

Frente à impossibilidade de trabalharmos com “gêneros textuais” devido às limitações da plataforma do *Corpus do Português*, adotamos novamente a proposta de Tiradentes (2018) referente à abordagem dos domínios discursivos, em que se estabelecem quatro grupos: interpessoal, ficcional, jornalístico e instrucional.

Após a exposição de nossos processos metodológicos, seguimos para a nossa seção de análise de dados, na qual comentaremos nossos achados acerca das atribuições tanto formais quanto semântico-pragmáticas dos construtos referentes à construção [V AA].

¹¹ Os termos entre aspas correspondem à nomenclatura original, presente no *Corpus do Português*. Como explicado, devido a incompatibilidades entre a classificação original e nossos objetivos nesta pesquisa, optamos por não adotá-la e por reclassificar os dados em referência à modalidade textual de acordo com Tiradentes (2018).

6. Análise de dados

Neste capítulo, objetivamos descrever uma síntese dos resultados obtidos em nossa coleta de dados referentes à Construção com Adjetivo Adverbial no português europeu do século XX. Para tal, dividimos o capítulo em 9 subseções, nas quais abordaremos os dados válidos coletados sob a ótica de nossos pressupostos teóricos e nossas hipóteses supracitadas.

6.1. Subesquemas analisados

Observamos que, dentre o total de adjetivos listados pelo *Corpus do Português* a partir de sua ferramenta de busca, 16 itens adjetivais apareceram em dados da construção com adjetivo adverbial, isto é, puderam figurar na construção [V AA]. Partindo desta primeira observação, coletamos todos os construtos apresentados no *corpus* referentes a cada microconstrução, ou seja, a cada construção menos esquemática, mais substantiva e com maior nível de especificação que é abrangida pelos subesquemas que identificamos. Sendo assim, foram coletados os dados de 16 subesquemas, tendo seus *slots* referentes aos itens adjetivais preenchidos por *alto*, *baixo*, *bom*, *certo*, *claro*, *diferente*, *fácil*, *forte*, *grande*, *imenso*, *livre*, *natural*, *novo*, *rápido*, *lento*, *directo*, que, em conjunto, totalizam 512 ocorrências.

Entretanto, é relevante salientar que tais ocorrências não são equilibradas como se pode observar na tabela 1:

Subesquemas	N	%
[V (X) alto]	203	40%
[V (X) baixo]	34	6,6%
[V (X) bom]	1	0,2%
[V (X) certo]	30	5,8%
[V (X) claro]	18	3,4%
[V (X) diferente]	7	1,4%
[V (X) directo]	2	0,4%
[V (X) fácil]	4	0,8%
[V (X) forte]	54	10,4%
[V (X) grande]	3	0,6%
[V (X) imenso]	100	19,5%
[V (X) lento]	5	0,98%
[V (X) livre]	7	1,36%
[V (X) natural]	10	2%
[V (X) novo]	2	0,4%
[V (X) rápido]	32	6,25%
TOTAL	512	100%

Tabela 1: Total de dados por subesquema

Como podemos observar, dentre os dados coletados, 40% são construtos do subesquema [V (X) alto] e 19,5% do subesquema [V (X) imenso]. Desse modo, apenas esses dois subesquemas totalizam 69,5% dos dados válidos apurados. Este achado nos é interessante, pois salienta uma alta variabilidade da frequência de uso de cada subesquema, visto que alguns são exponencialmente mais utilizados no PE do que outros. Assim, podemos averiguar que, enquanto alguns subesquemas como [V (X) alto] apresentam uma alta frequência de uso, outros, como [V (X) bom], parecem ser mais restritos, o que pode nos apontar certo entrincheiramento semântico-pragmático dos subesquemas menos frequentes. Logo, este dado nos aponta uma maior proeminência do primeiro na variedade europeia da língua portuguesa e, possivelmente, em um maior número de contextos de uso, contextos mais frequentes ou a sua prevalência em detrimento de outros recursos linguísticos de adverbialização. Portanto, podemos argumentar que há uma sinalização positiva para nossa premissa de que a construção com AA detém especificidades semântico-pragmáticas contrastantes em relação a outros adverbiais de mesma base lexical, o que justificaria certa flutuação em sua utilização.

Ademais, a alta frequência da construção com adjetivo *imenso* aponta a favor de outra importante suposição de nossa pesquisa. Como exposto anteriormente em nossa hipótese (vi), buscamos analisar o papel da construção com AA na rede dos modificadores verbais do português europeu e compará-la à rede equivalente no português brasileiro, pois supomos que sejam distintas entre si. Referente a isso, a alta frequência de [V (X) imenso] nos permite argumentar que as redes de adjetivos adverbiais aparentam ser distintas em ambas as variedades ou, ao menos, caminham para uma distinção mais profunda e concreta, uma vez que, segundo o que é apontado por Tiradentes (2018), esse subesquema é pouco frequente no português brasileiro, totalizando apenas 5 dados em seu *corpus* de pesquisa. Logo, podemos notar certa discrepância entre as redes, que guardam particularidades tanto estruturais quanto semântico-pragmáticas.

Entretanto, ainda que existam disparidades entre as duas redes da construção [V AA], elas ainda resguardam semelhanças. Dentre essas, destaca-se a prevalência do subesquema [V (X) alto] entre os dados aferidos. Tanto na variedade portuguesa quanto na brasileira, analisada por Tiradentes (2018), podemos notar a aparente produtividade de tal subesquema, uma vez que, no PE, totaliza 203 dados válidos, enquanto, no PB, soma 237 dados. Sendo assim, em ambas as variedades, o subesquema [V (X) alto] destaca-se como o mais frequente. Contudo, salientamos que é possível que a maior frequência do subesquema referido seja

influenciada por fatores discursivo-pragmáticos, pois, dentre os dados colhidos, parte relevante figura em textos ficcionais¹², em que verbos *dicendi*¹³, que frequentemente preenchem o *slot* verbal do subesquema, são extremamente frequentes, visto que são utilizados para apontar o início de um discurso direto ou reportado/indireto.

6.2. Ordenação e presença de elemento interveniente

Em relação à ordenação dos elementos constituintes da construção, averiguamos a frequência das duas possibilidades de ordenação dos elementos: padrão de posposição do item adjetival em relação ao verbo [Verbo + Adjetivo Adverbial] e padrão de preposição do item adjetival [Adjetivo Adverbial + Verbo]. Levamos em conta, ainda, a possibilidade de presença de elementos intervenientes. Vejamos a tabela 2.

	[V AA]	[V X AA]	[V X Y AA]	[AA V]	[AA X V]	TOTAL
N	401	94	13	4	0	512
%	78%	18,7%	2,5%	0,78%	0%	100%

Tabela 2: Ordenação dos elementos da construção

A partir da frequência de cada padrão identificado, observamos que os padrões referentes à posposição do item adjetival em relação ao verbo são exponencialmente mais frequentes no *corpus* do que os padrões relacionados à anteposição. Vejamos o exemplo de posposição abaixo:

(2) “Mas devia ser com pessoas em quem confiasse. Não é muito fácil. Adoraria, dos encenadores que **admiro imenso**, daria tudo para ser dirigido por eles: pelo [Klaus Michael] Grüber, pelo [Patrice] Chéreau, pelo Bergman.” (19Or:Pt:Intrv:Web)

Os padrões de posposição, juntos, somam 99% do total de construtos, sendo o mais frequente o padrão [V AA]. Podemos notar também que 78% dos construtos não apresentam nenhum elemento interveniente. A ocorrência desses elementos se limita a 21,2% das ocorrências, todas no padrão [V X AA]. Logo, os dados coletados corroboram nossa hipótese (i) referente à maior frequência do padrão [V (X) AA] – dado que a posição canônica de elementos atributivos no português é após o elemento modificado – e à menor frequência de

¹² As particularidades discursivas que, possivelmente, potencializam a frequência de construtos como [V (X) alto] serão propriamente discutidas na subseção 6.9 (Modalidade e domínio discursivo);

¹³ Verbos que indicam toda e qualquer ação que implique necessariamente a utilização de palavras faladas ou escritas. (Scheibman, 2001).

elementos intervenientes, demonstrando uma alta integração entre o verbo e o elemento que o modifica.

6.2.1. Natureza do elemento interveniente

Além de verificarmos os padrões de ordenação e a possibilidade de ocorrência de elemento interveniente na construção [V AA] (cf. Tabela 2), apuramos também a natureza morfosintática que este elemento poderia assumir na sentença. Identificamos os seguintes tipos de elemento interveniente: argumento interno, argumento externo, adjunto graduador aspectual, adjunto graduador intensificador e adjunto graduador polar. Posteriormente, dividimos os tipos citados em dois grupos: os argumentos verbais e os elementos que modificam o escopo do item adjetival conferindo-lhe, na maioria dos casos, gradação de intensidade ou polaridade. Vejamos a tabela 3.

ELEMENTO INTERVENIENTE		
Argumento interno (desenvolvido)	3	2%
Argumento externo	2	1,37%
Adj. Graduador intensificador	81	55,47%
Pronome oblíquo	36	24,65%
Adjunto Adverbial	5	3,42%
Conjunção	1	0,68%
TOTAL	146	100%

Tabela 3: Natureza dos elementos intervenientes

Podemos observar, na tabela 3, que a maioria dos elementos intervenientes corresponde a adjuntos graduadores intensificadores do item adjetival, que totalizam 55,47% das 146 ocorrências. Vejamos um exemplo de ocorrência de um adjunto graduador intensificador como elemento interveniente no exemplo (3):

(3) “Um cão ganiu e veio a correr, com uma perna no ar, do quintal da casa do secretário. Parou no meio do largo, agachou-se junto ao pau da bandeira e **ganiu mais alto.**” (19:Fic:Pt:Sorromenho:Terra)

Em (3), temos o advérbio curto *mais* que exerce a função de adjunto graduador intensificador, intimamente relacionado ao adjetivo adverbial *alto*. Assim, o elemento interveniente não acrescenta novas informações à oração, mas confere ao elemento adverbial uma maior carga e proeminência no evento verbal retratado.

Tal dado nos é caro à medida que comprova nossa hipótese (ii) sobre a predominância de adjuntos graduadores em casos em que há algum elemento interveniente dentro da construção [V AA] no PE. Esta tendência também foi atestada no PB por Tiradentes (2018). Segundo o autor, na rede linguística dos falantes de português brasileiro:

“O conjunto de ocorrências sem elementos intervenientes é percentualmente muito maior que os demais, que apresentam um ou mais elementos intervenientes. Em geral, também se verifica a tendência de proporção inversa entre a presença de elementos intervenientes e a frequência de ocorrência: quanto maior é a quantidade desses elementos, tanto menor é o total de ocorrências. [...] A alta frequência de adjuntos graduadores (em ambas as variedades) corrobora a hipótese de que tal categoria seria a principal, já que corresponde ao tipo que menos interfere na integração entre verbo e adjetivo.” (TIRADENTES, 2018. p.37).

6.2.2. Argumentos internos desenvolvidos e clíticos

Em relação aos argumentos internos, pode-se supor que eles contradizem nossa hipótese (ii), visto que, apesar de a maioria dos elementos intervenientes ser composta por adjuntos graduadores intensificadores como esperávamos, os primeiros apresentam somados uma taxa de 26,65% dados, estando entre os elementos intervenientes mais comuns em nosso corpus. Portanto, para melhor compreendermos e clarificarmos esta questão, decidimos analisá-los com maior cuidado. Vejamos a tabela 4.

	Argumentos internos desenvolvidos	Pronomes clíticos	TOTAL
N	3	36	39
%	7,7%	92,3%	100%

Tabela 4: Argumentos internos

Como podemos observar na tabela, a esmagadora maioria dos argumentos internos presentes na construção se configura como pronomes clíticos. Tal ocorrência se deve ao fato de a sintaxe da variedade europeia da língua portuguesa propiciar casos de ênclise, na qual o

pronome se afixa na parte final do núcleo verbal que acompanha. Ao contrário do que se pode pensar, essa taxa não contradiz nossa hipótese prévia, pois os clíticos analisados apresentam massa fônica diminuta sem tonicidade própria. Logo, acrescentam apenas uma sílaba átona entre os itens verbal e adjetival, o que não abala nosso embasamento no subprincípio da proximidade uma vez que os argumentos licenciados são, em sua maioria, parcos e reduzidos. Podemos observar uma ocorrência de pronome clítico como elemento interveniente no exemplo (4) abaixo:

(4) “Não podíamos fugir ao objectivo inicial da Revista. Podemos dizer que inicialmente a Revista era tecnicamente orientada pelo Sr. Hernani Lopes, que era um maquetista oriundo da formação da Escola António Arroio e que trabalhava na altura na Bertrand e Irmãos. Ele **ajudou-nos imenso** na orientação gráfica e até mesmo depois, nos primeiros tempos, em que a revista era feita no Instituto Hidrográfico.” (19Or:Pt:Intrv:Web)

Entretanto, ainda que os elementos intervenientes mais proeminentes sejam, de fato, pronomes clíticos de massa fônica diminuta, encontramos outras ocorrências, como as referentes aos argumentos internos desenvolvidos. No exemplo (5) abaixo, podemos observar a ocorrência de dois elementos intervenientes concomitantes: o pronome demonstrativo *aquilo* e o adjunto graduador intensificador *muito*. O primeiro pode ser categorizado como um argumento interno desenvolvido, visto que ocupa a função de objeto direto do verbo *dizer* e é caracterizado como um item léxico-gramatical independente. Entretanto, assim como os demais argumentos internos desenvolvidos filtrados em nossos dados, *aquilo* classifica-se como um item de carácter referencial, ou seja, não apresenta conteúdo informacional *novo*¹⁴ ao contexto comunicativo, limitando-se a referenciar informações previamente estabelecidas no diálogo. Sendo assim, apesar de apresentar um maior afastamento sintático entre a estrutura verbal e o seu respectivo adjetivo adverbial, não há um grande afastamento no processamento cognitivo, visto que nenhuma informação nova interpola-se entre os elementos característicos da construção.

(5) “A: Coitadas, elas estavam com sono.. B: Meteram-no debaixo da cama.. A: Mas estava em casa, ele? X: Estava! A: Ai que horror! X: Elas coitadas **disseram aquilo muito**

¹⁴ Com base em Lambrecht (1994), classificamos a estrutura informacional de um enunciado e a estrutura focal como o componente semântico-pragmático de uma proposição assertiva (*informação nova*) ou pressuposição (*informação velha*).

natural, mas estavam muito cansadas do hospital, daquilo tudo, já se sabe aquelas noites todas.” (19Or:Pt:CRPC)

6.3 Tipos Verbais

Com relação aos tipos verbais, averiguamos os tipos semânticos que a construção [V AA] poderia licenciar. Com base na proposta de análise semântica aventada por Scheibman (2001) e revisada por Martelotta (2004), coletamos e classificamos os itens verbais encontrados nas construções presentes em nosso *corpus*. Observemos a tabela 5:

	Atividade verbal	Cognição	Corpóreo	Existencial	Material	Modal	Percepção	Percepção (relacional)	TOTAL
N	192	22	58	4	165	1	18	4	512
%	37,5%	4,3%	11,3%	0,8%	32,2%	0,19%	3,5%	0,8%	100%

Tabela 5: Tipos de verbo

Ao observarmos a tabela acima, podemos notar que os dados apontam uma predominância de verbos materiais (32,2%) e verbos de atividade verbal, ou *dicendi*, (37,5%) na construção analisada. Os exemplos (6) e (7) apresentam construtos com ambos os tipos de verbo respectivamente:

(6) “Por o fumo, via-se logo que o lume que estava a **trabalhar forte** naquele sítio. Punha-se-lhe um terrão em cima e se se visse que aquilo que estava a demasiar um bocadinho, punha-se-lhe terra para cima que era para tapar a respiração, que era para o lume não ir lá.” (19Or:Pt:Cordial)

(7) “Verificada a pesagem, dois quilos certos, o comerciante desmarcou a balança e **disse alto** para o filho: - Um quilo e oitocentas. É para o Capinda.” (19:Fic:Pt:Sorromenho:Terra)

Tais resultados sinalizam positivamente para nossa hipótese (iii), segundo a qual, os verbos materiais (exemplo 6) seriam os mais recorrentes na construção sob análise, uma vez que também são os mais recorrentes na língua, pois se referem a ações concretas e físicas. Esta hipótese também pode ser confirmada na análise da variedade brasileira do português, como atestado por Tiradentes (2018), que aponta que os verbos materiais figuraram em aproximadamente 50% dos dados e houve uma alta ocorrência dos mesmos em padrões não prototípicos, o que o autor aventa que pode indicar que o tipo material é o mais básico, e possivelmente original, na construção.

Além disso, também é relevante salientar a alta taxa de verbos de atividade verbal, como no exemplo (7), que figuram em segundo lugar com 30,5% das ocorrências. Esse dado nos é interessante uma vez que quase a totalidade desses verbos ocorreu dentro dos subesquemas [V alto] e [V baixo]. Isso provavelmente se deve ao fato de que os itens adjetivais presentes nos subesquemas se relacionam intimamente com os verbos categorizados como verbos *dicendi* devido à falta de outras formas adverbiais que possam servir como modificadores desses (por exemplo, *falar altamente*). Todavia, a marcante presença de verbos de atividade verbal entre os dados válidos aferidos também pode derivar-se da forte presença desse tipo verbal em textos ficcionais ou jornalísticos, que, por sua vez, compõem parte significativa de nosso *corpus*.

6.4 Tipos adjetivais

No que tange os tipos adjetivais, analisamos os tipos semânticos que a construção [V AA] poderia licenciar. Com base na proposta de categorização semântica apresentada por Castilho (2010), coletamos e classificamos os itens adjetivais encontrados nos construtos presentes em nosso *corpus*. Vejamos a tabela (6) a seguir.

	Mod. epistêmico	Mod. Discursivo	Qual. polar	Qual. dimens.	Qual. grad.	Aspec. iterativo	Aspec. perfectivo	TOTAL
N	39	14	105	204	97	2	2	512
%	7,6%	2,7%	32,2%	40%	19%	0,39%	0,39%	100%

Tabela 6: Tipos de adjetivo

Ao observarmos a tabela (6), podemos notar que os dados apontam positivamente para nossa hipótese (iii) acerca da predominância de adjetivos graduadores, visto que, dentre os tipos adjetivais analisados, 91,2% classificam-se como adjetivos qualificadores, seguidos pelos modalizadores, que totalizam 10,3%, o que demonstra uma imensa discrepância entre os qualificadores e os outros tipos de adjetivos considerados. Já dentre os qualificadores, notamos a maior frequência de dimensionadores ao compará-los aos outros tipos previstos.

À primeira vista, tal achado se opõe à nossa hipótese, uma vez que aventamos que os qualificadores polares, não os dimensionadores, seriam, provavelmente, os mais expressivos na construção [V AA]. Entretanto, é necessário ressaltar que, novamente, a predominância dos dimensionadores pode ser resultado da abundância de verbos *dicendi* no *corpus* escolhido, posto que os adjetivos dimensionadores *alto* e *baixo* frequentemente acompanham

tais estruturas verbais. Como ilustração, temos os exemplos de construtos com adjetivos qualificadores polares e dimensionadores abaixo:

(8) “Tempos de fortuna, em que os negros das senzalas tinham todos os panos que queriam, montes de fios de missangas, pipos de aguardente e latinhas de pólvora. Os brancos bebiam champanhe e **jogavam forte** ao bacará. E os sobas faziam batuques que duravam quinze dias e quinze noites, embebedando-se com vinho misturado com água açucarada e aguardente de batata-doce.” (19:Fic:Pt:Sorromenho:Terra)

(9) “Sabia que nunca o desespero tomaria nela proporções exclusivas e eliminatórias, porquanto não o aceitava senão numa provisoriedade sem consequências. ‘E quando eles estiverem gastos’, **murmurou baixo**, para si própria, ‘quando eles estiverem esgotados e deprimidos, Tom há-de olhar para mim e dirá: era de ti que eu precisava. Foram precisos anos de cegueira e de aventura, mas eles conduziram-me a ti’ .” (19:Fic:Pt:Botelho:Angulo)

Em (8), o adjetivo adverbial *forte* qualifica o verbo material *jogar*, descrevendo-o de forma relativamente objetiva e interferindo em suas propriedades semântico-pragmáticas ao gerar o par antagônico *forte/fraco*. Já em (9), o elemento adverbial *baixo* figura na construção ao passo que atribui uma qualidade escalar ao som do murmúrio, qualificando-o como *de volume e/ou alcance vocálico baixo* em oposição ao polo oposto do sistema de percepção escalar de sons, que, por sua vez, poderia ser classificado como *alto*. Como pode ser observado, qualificadores polares e dimensionadores têm propriedades consonantes. Todavia, por estabelecerem caráter escalonar, os dimensionadores foram arranjados em sua própria categoria.

Podemos afirmar, portanto, que a construção apresenta caráter atributivo no PE, confirmando o que apontaram estudos anteriores sobre o tema (Hummel, 2002b, 2003; Barbosa, 2006). Este resultado parece apontar para o fato de outras construções de modificação verbal, como a com advérbio canônico com o sufixo *-mente*, serem recrutadas pelos usuários da língua para expressar outras semânticas (como intensidade, por exemplo) exclusivamente ou com maior frequência. Contudo, essa hipótese ainda necessita ser averiguada de forma particular.

6.5 Relação entre tipos verbais e adjetivais

A partir da análise dos tipos verbais e adjetivais licenciados pela construção [V AA], fizemos o levantamento das possíveis relações semântico-pragmáticas de seus pareamentos ao cruzarmos suas frequências combinadas em nossos dados válidos. Podemos observar o resumo de tais dados no quadro a seguir:

TIPOS VERBAIS X TIPOS ADJETIVAIS							
	mod. epistêmico	mod. discursivo	Qual. polar	Qual. dimen.	Qual. grad.	Quant. aspect. it.	quant. aspect. perfect.
Corpóreo	0	0	19	39	0	0	0
Atividade Verbal	6	3	5	164	1	1	0
Sentimento	0	0	47	0	1	0	0
Percepção	1	1	15	1	0	0	0
Percepção (rel.)	0	0	4	0	0	0	0
Material	40	2	80	25	11	1	2
Cognição	1	0	3	9	6	0	0
Existencial	0	1	3	0	3	0	0
Modal	0	0	1	0	0	0	0
TOTAL	47	6	176	238	22	2	2

Tabela 7: Tipos verbais X adjetivais

Ao observarmos a tabela (7), podemos notar distribuições e relações semântico-pragmáticas intrigantes. Primeiramente, notamos que os verbos materiais, previamente apontados como os mais frequentes e fecundos dentro do PE, apresentam a maior variabilidade de pareamento tipo verbal X tipo adjetival, tendo quatro pares altamente frequentes: qualificadores polares (80 ocorrências); modalizadores epistêmicos (40 ocorrências); qualificadores dimensionadores (25 ocorrências) e qualificadores graduadores (11 ocorrências). Ademais, ainda foram encontrados pareamentos dos verbos materiais com as demais tipologias adjetivais, ainda que de forma mais reduzida: modalizadores discursivos (2 ocorrências); quantificadores aspectualizadores perfectivos (2 ocorrências) e quantificadores aspectualizadores iterativos (1 ocorrência).

Logo, a partir da análise deste fator, podemos observar que os verbos materiais são a única categoria verbal que apresenta pareamentos com todas as categorias adjetivas licenciadas pela construção [V AA]. Tal fato aponta a categoria dos verbos materiais como a

mais produtiva entre aquelas consideradas nessa análise, fator possivelmente derivado da marcante difusão dos verbos materiais nas línguas humanas.

Voltamo-nos agora à outra categoria verbal de alta frequência entre nossos dados: os verbos de atividade verbal. Como discutido anteriormente, os verbos *dicendi* computaram a mais alta frequência entre os nossos dados, totalizando 192 (37,5% do total). Todavia, ao contrário dos verbos materiais, que, apesar de demonstrarem maior afinidade com adjetivos qualificadores polares, ainda se mostraram ao menos regularmente frequentes entre os demais pareamentos possíveis, os verbos de atividade verbal mostram-se severamente concentrados no pareamento com qualificadores dimensionadores, como *alto* e *baixo*, totalizando 164 de suas 192 ocorrências. Isto posto, podemos concluir que, apesar de mais frequentes entre o total de dados, os verbos de atividade verbal são menos produtivos que os verbos materiais, visto que figuram em subesquemas mais reduzidos e fixos, com baixa variabilidade.

6.6 Relação entre tipos verbais e itens adjetivais

A partir da análise do fator anterior, buscamos o seu refinamento através do cruzamento dos tipos verbais com os itens adjetivais. Observemos então a tabela abaixo:

TIPOS VERBAIS X ITENS ADJETIVAIS																
	alto	baixo	bom	certo	claro	diferente	fácil	forte	grande	imenso	livre	natural	novo	rápido	lento	directo
Corpóreo	35	4	0	0	0	0	1	6	0	7	3	0	0	2	0	0
Atividade Verbal	136	28	0	4	5	3	0	3	0	2	1	5	1	3	2	0
Sentimento	0	0	0	0	0	0	0	0	0	52	0	0	0	0	0	0
Percepção	1	0	0	0	10	1	0	0	0	4	0	1	0	0	0	0
Percepção (relacional)	0	0	0	0	0	0	0	1	0	3	0	0	0	0	0	0
Material	23	2	1	26	0	3	0	44	3	28	2	2	1	27	3	2
Cognição	9	0	0	0	2	0	2	0	0	7	0	0	0	0	0	0
Existencial	0	0	0	0	1	0	1	0	0	3	1	2	0	0	0	0
Modal	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
TOTAL	203	34	1	30	18	7	4	54	3	100	7	10	2	32	5	2

Tabela 8: Tipos verbais X Itens adjetivais

Como aventado anteriormente, os verbos materiais mostram-se como os mais produtivos dentro da tipologia estabelecida, sendo os únicos a poderem se combinar com quase todos os itens adjetivais colhidos, salvo os itens *claro* e *fácil*. Dentre os subesquemas

em que figuram os verbos materiais, destacam-se [V forte] (44 ocorrências), [V imenso] (28 ocorrências) e [V rápido] (27 ocorrências), como podemos observar nos exemplos (10), (11) e (12) respectivamente:

(10) “Os brancos bebiam champanhe e **jogavam forte** ao bacará. E os sobas faziam batuques que duravam quinze dias e quinze noites, embebedando-se com vinho misturado com água açucarada e aguardente de batata-doce. ” (19:Fic:Pt:Sorromenho:Terra)

(11) “Esteve cinco anos internado numa clínica psiquiátrica, **trabalhou imenso.**” (19Or:Pt:Intrv:Jrnl)

(12) “De novo o lavrador **manobrava rápido**, dando outro rumo à situação.” (19:Fic:Pt:Ribeiro:Planície)

Já os verbos de atividade verbal, como também discutido no subcapítulo anterior, concentram-se principalmente em dois subesquemas: [V alto] (136 ocorrências) e [V baixo] (28 ocorrências). Deste modo, comprovamos que, de fato, apesar de serem mais frequentes no total de dados do *corpus* coletado, os verbos de *dicendi* são menos produtivos que os segundo grupo mais frequente, verbos materiais, visto que aparentam estar circunscritos a subesquemas específicos.

Por fim, destacamos ainda os dados referentes aos verbos de sentimento, tipo encontrado unicamente no subesquema [V imenso], que, apesar de licenciar outras tipologias verbais, como a dos verbos materiais, demonstra predileção pelos verbos de sentimento, uma vez que esses figuram em 52 ocorrências. Este dado nos é caro, pois aponta um possível entrincheiramento semântico do subesquema através da sua relação com verbos que expressam os processos cognitivos emocionais, como observado no exemplo (13):

(13) “É verdade, sinto **imenso** isso nos concertos. Mas essa espécie de " renovação de público " já acontece há vários anos.” (19Or:Pt:Intrv:Jrnl)

6.7 Estrutura argumental

Como apresentado no capítulo referente aos procedimentos metodológicos, formulamos nossa análise da estrutura argumental da construção [V AA] a partir da

classificação clássica de Rocha Lima (1994), considerando, desse modo, os verbos como: (a) verbos intransitivos ou em uso intransitivo; e (b) verbos transitivos ou em uso transitivo. Logo, consideramos os possíveis argumentos internos como: objeto direto, objeto indireto, complemento relativo e complemento circunstancial. Vejamos a tabela 9:

	Verbos transitivos ou em uso transitivo	Verbos intransitivos ou em uso intransitivo	TOTAL
N	131	381	512
%	25,6%	74,4%	100%

Tabela 9: Estrutura argumental

A partir dos dados, podemos constatar que a maior parte dos construtos apresenta verbos intransitivos ou em uso intransitivo, como no exemplo (14):

(14) “‘Ah, sabem falar e dizem aquilo que não se percebe?’ ‘Não, (..) só que eles é que se percebem. Agora, a gente não os percebe’. Não, pois o homem, desde que saiba falar, fala para que todos o percebem. INQ1 Claro. Senão não vale a pena a gente estar ali a ver a televisão, eles a falarem para a gente, não é! INF Rhum-rhum. E de maneira que, às vezes - lá, lá longe - aparece um **a falar natural**, como (..) apareceu, aqui há anos, um fulano, Armelindo não sei o quê e **falava natural**, na televisão.” (19Or:Pt:Cordial)

A construção [V AA] aparenta tender a bloquear, mesmo que parcialmente, argumentos internos, licenciando, principalmente, estruturas verbais intransitivas. Postulamos, conforme mencionamos em seção 4 (cf. Objetivos e hipóteses), que a tendência de os verbos recrutados por esta construção serem intransitivos ou estarem em uso intransitivo se deva ao fato de os itens adjetivais por ela licenciados também atuarem na língua como modificadores nominais. A presença de argumento interno, pois, seria possivelmente bloqueada para evitar ambiguidade.

6.8 Estrutura informacional

Analisamos a estrutura informacional das cláusulas referentes aos construtos coletados, ou seja, referentes à realização linguística e material dos subesquemas observados.

Nesta análise, checamos a focalização dos elementos componentes de cada um dos enunciados encontrados, a fim de identificarmos se havia alguma estratégia de focalização diferenciada relacionada a este tipo de construção. Dessa forma, classificamos os construtos como sendo de *foco exclusivo*, aqueles em que o foco recai somente sobre a sequência verbo + adjetivo adverbial, e de *foco compartilhado*, quando o foco é partilhado pela sequência verbo + adjetivo adverbial com algum outro elemento presente na sentença. Vejamos a tabela 10 e os exemplos (15) e (16):

	Foco Exclusivo	Foco Compartilhado	TOTAL
N	387	125	512
%	75,6%	24,4%	100%

Tabela 10: Estrutura informacional

(15) “Ele com muitos tagatés, mas foram gritos naquela casa!.. Parecia ele que a estavam a esfolar em vida. A minha irmã inté ficou envergonhada, a vizinhança toda a ouvir aquilo! Ia-se-lhe queimando o assado. - Tenha assento, mulher. **Fale baixo.**”
(19:Fic:Pt:Rodrigues:Escola)

(16) “O Pedro olhou o relógio: eram quase oito e meia, as horas que dera ao Gonçalo para aparecer no " Old Navy ". Disse: - O Gonçalo deve estar a chegar.. Ela perguntou: - Mas, afinal, quem é esse teu amigo? - Você é capaz de saber quem ele é. Não está a ver um, sempre muito bem vestidinho, com quem eu andava às vezes? Ele escreveu agora o seu primeiro livro. Bem bom. O que é que eu te posso dizer mais. Olha, não sei. **Gosto imenso dele.** Tem um bocado a mania da cultura, mas é muito meu amigo e da Isabel.”
(19:Fic:Pt:Alçada:Lacos)

Podemos observar, ao analisarmos a tabela 10, que, dentro do material oferecido pelo *corpus*, há uma ocorrência maior de construções de foco exclusivo (75,6%) do que de foco compartilhado (24,4%), o que corrobora com nossa hipótese (vii) e com aquilo que é argumentado por Virginio (2018) e Tiradentes (2018). Assim, em confluência com estudos anteriores e nossos próprios achados, podemos argumentar que a construção em foco neste trabalho se diferencia de outras construções adverbiais ao passo que promove certa restrição tanto semântico-pragmática quanto morfosintática que inviabiliza a focalização de outros elementos próximos a ela.

6.9 Modalidade e domínio discursivo

Por fim, analisamos a ocorrência de nossa construção-alvo em diferentes grupos de textos disponibilizados pelo *corpus* adotado. Entretanto, frente a incongruências em relação à classificação de textos proposta pelo *Corpus do Português*, adotamos neste trabalho a classificação desenvolvida por Tiradentes (2018) a partir dos conceitos propostos por Marcuschi (2009). Deste modo, os textos colhidos foram divididos em referência tanto à modalidade quanto ao domínio discursivo em que figuram, tendo em vista a possível presença de restrições discursivo-pragmáticas da construção com adjetivo adverbial nos diferentes agrupamentos textuais.

Primeiramente, averiguamos as ocorrências de acordo com a modalidade dos textos. Como supracitado, a partir da proposta de Tiradentes (2018), classificamos os dados em quatro categorias: (i) textos orais (textos presentes nos corpora orais e as citações de corpora orais dentro do grupo de textos “acadêmicos”); (ii) textos híbridos 1 (entrevistas jornalísticas inseridas nos “textos orais”), (iii) textos híbridos 2 (diálogos presentes nos “textos ficcionais” e as transcrições de fala em “notícias”) e, por fim, (iv) textos escritos (textos “ficcionais”, “acadêmicos” e “notícias”, salvos os trechos classificados como híbridos).

Ademais, devido a disposição desigual entre textos escritos e orais no corpus, implementamos um segundo parâmetro de comparação referente ao total de ocorrências a cada 1000 palavras. Contudo, alguns dados foram desconsiderados para a análise supracitada devido a limitações do próprio corpus. Logo, todos os dados referentes à categoria de textos híbridos 2 não foram retirados da contagem, visto que a aplicação laboral da discriminação de diálogos em textos ficcionais se provou improdutiva. Isto posto, observemos a tabela a seguir:

Modalidade			
	Oral	Híbrido 1	Escrito
N	101	56	354
Total de palavras no <i>corpus</i>	1.100.303	1.100.303	9.406.400
Frequência a cada 1000 palavras	0,09	0,05	0,038

Tabela 11: Modalidade

Ao analisarmos a tabela 11, verificamos que a parcela mais expressiva dos dados coletados está presente dentro do agrupamento dos textos escritos, compondo 354 dos 512 dados coletados, o que corrobora nossa hipótese (v), em que supomos que a construção com adjetivo adverbial ocorreria com frequência relevante em textos escritos e/ou mais formais, em consonância com os achados de Tiradentes (2018). Entretanto, é importante ressaltar que, embora a maioria dos dados tenha ocorrido em textos em modalidade escrita, a frequência relativa dos construtos ao total de palavras dos grupos modais demonstra que a presença da construção com adjetivo adverbial é proporcionalmente maior em textos orais do que naqueles categorizados como escritos ou híbridos 1. Assim, a hipótese aventada por Hummel (2002) também se mantém, uma vez que, como verificamos, a construção [V AA] é mais frequente em textos orais, possivelmente por serem enunciados geralmente menos monitorados e, portanto, que sofrem menos pressões da variedade padrão, que privilegiaria outros artifícios de adverbialização, em detrimento daquele sobre o qual nos debruçamos.

Para além da modalidade, também nos atentamos a natureza dos domínios discursivos em que a construção com AA figura dentro do *Corpus do Português*.

Domínio Discursivo				
	Interpessoal	Ficcional	Jornalístico	Instrucional
N	43	326	143	0
Total de palavras no corpus	1,100,303	3,048,020	3,271,328	3,087,052
Frequência a cada 1000 palavras	0,039	0,1	0,044	0

Tabela 12: Domínio Discursivo

Ao analisarmos a tabela 12, podemos observar que os textos ficcionais apresentam tanto o maior número absoluto de ocorrências (326), como também a maior frequência relativa (0,1). Entretanto, especula-se que o amplo licenciamento da construção com adjetivo adverbial em textos ficcionais é reflexo da influência da tipologia narrativa e da simulação de informalidade, ambas frequentes e características dos textos classificados na prosa ficcional.

Ademais, é notável a ocorrência da construção em foco neste trabalho em textos de caráter jornalístico (tratados pelo *Corpus do Português* como gênero *notícia*), que apresentam uma frequência relativa menor do que o esperado, como também é relevante frisarmos a ausência de construtos em textos acadêmicos disponibilizados pelo *corpus*. Tais dados apontam mais uma vez para hipótese da relação entre o licenciamento da construção e graus de formalidade e monitoramento de produção, uma vez que, apesar de o número de ocorrências absolutas ser maior dentre textos escritos, este se encontra quase que exclusivamente entre os textos ficcionais, que, por questões tipológicas e estilísticas, lançam mão de artifícios que os aproximam da oralidade e da informalidade dentro do *continuum* oral-escrito. Logo, a construção com AA aparenta estar relacionada a discursos mais orais e/ou mais informais, que a licenciariam sem maiores restrições formais ou pragmáticas.

7. Considerações Finais

À luz da Linguística Funcional Centrada no Uso, esta pesquisa se propôs a compreender as idiossincrasias da construção com adjetivo adverbial na variedade europeia da Língua Portuguesa no século XX ao analisarmos tanto fatores estruturais, quanto discursivo-pragmáticos. Buscamos, pois, ampliar nossos conhecimentos acerca da rede da construção [V AA] no PE. Para tal, promovemos a coleta de dados de construtos no *Corpus do Português*, a partir dos quais, comprovamos a existência de apenas uma única construção com adjetivo adverbial de caráter polissêmico no PE, posto que, majoritariamente, nossos dados apontaram a prevalência de uma mesma composição formal na construção ao passo que essa viabiliza variadas expressões semântico pragmáticas. Em outras palavras, a construção [V AA] apresenta regularidades marcantes referentes à disposição e licenciamento de elementos componentes, à transitividade verbal e à estrutura informacional à medida que licencia distintas estruturas verbais e adjetivais que estabelecem uma variada gama de relações de sentido.

Nossos dados apontam que os padrões de posposição [V AA], [V X AA] e [V X Y AA], compõem 99% do total de construtos, sendo o mais frequente o padrão [V AA]. Tal dado nos é relevante, pois confirma nossa hipótese (1), que, a partir da perspectiva do princípio da iconicidade (Givón, 1984), previa que o padrão [V (X) AA] seria o mais frequente e, portanto, aquele consolidado como o mais prototípico. Desse modo, a construção-alvo apresenta estruturação formal homogênea à qual usos específicos são associados. Ademais, averiguou-se também que 78% dos construtos não apresentam nenhum elemento interveniente, demonstrando a forte integração entre o verbo e o adjetivo adverbial que o modifica.

Em referência aos subesquemas, encontramos o total de 16 adjetivos adverbiais que puderam figurar na construção [V AA]. Tal número é exponencialmente menor àquele apresentado por Tiradentes (2018), que averiguou 47 subesquemas da construção no PB. Em confluência à Hummel (2002b, 2003), a hipótese (vi) é, ao menos, parcialmente confirmada, visto que o número reduzido de subesquemas da construção-alvo na variedade europeia aponta para particularidades na disposição da rede das construções adverbiais no PE, como, por exemplo, a possível prevalência da construção com advérbio terminado em *-mente* de mesma base lexical. Outro dado que sinaliza positivamente a essa hipótese é o alto número de construtos de [V (X) imenso]. Ao contrário do que foi previamente observado no PB, o

subesquema mencionado apresenta alta frequência no PE, totalizando 19,5% dos dados. Podemos especular, portanto, que, na variedade europeia, [V (X) imenso] desempenha funções semântico-pragmáticas específicas que, no PB, são efetuadas por outros subesquemas da construção [V AA] ou, até mesmo, por outras construções adverbiais.

Contudo, apesar de apresentarem algumas características díspares, as redes da construção com adjetivo adverbial no PE e no PB ainda resguardam certas similaridades. No que tange aos subesquemas, o padrão [V (X) alto] é o mais frequente em ambas as variedades entre aqueles que puderam ser analisados a partir do *Corpus do Português*, totalizando, no PE, 40% dos construtos coletados. Entretanto, como discutido anteriormente, a alta ocorrência deste subesquema pode estar intimamente relacionado aos contextos de uso disponibilizados pelo *Corpus*.

No que diz respeito à presença de elementos intervenientes na realização da construção, constatamos que sua presença se limita a 21,2% das ocorrências, sendo todas no padrão [V X AA]. Desse modo, a presença de um elemento interveniente não aparenta ser uma obstrução da construção ou uma nova faceta da mesma, visto que apresenta pouca plasticidade, correspondendo a majoritariamente adjuntos graduadores intensificadores do item adjetival de caráter contextual, que totalizam 55,47% das ocorrências de elementos intervenientes. Contudo, buscamos olhar cuidadosamente outros elementos morfossintáticos que figuraram como termos intervenientes em nossos construtos. Em especial, analisamos as ocorrências de argumentos internos desenvolvidos e pronomes clíticos, que juntos totalizam 26,65% das ocorrências.

Concluimos que, majoritariamente, os argumentos internos se materializam entre nossos dados na forma de pronomes clíticos. Esse fato é derivado dos padrões sintáticos do PE que propiciam casos de ênclise pronominal. Logo, por terem caráter átono, massa fônica diminuta e serem derivados de construções sintáticas verbais para além da nossa construção-alvo, os dados de argumentos internos como elementos intervenientes não se opõem à nossa hipótese (ii), associada ao subprincípio da proximidade (Givón, 1984).

No que tange aos tipos verbais licenciados pela construção, comprovamos que, como apresentado na hipótese (iii), os verbos materiais (32,2%) figuram entre os mais frequentes nas realizações em contextos de uso real da construção [V AA], hipótese também confirmada na análise da variedade brasileira do português por Tiradentes (2018). Entretanto, ao contrário do que foi previsto, os verbos materiais não apresentaram a maior frequência, visto

que este posto foi ocupado pelos verbos de atividade verbal (37,5%). Tal dado pode ser explicado fato de que contextos de fala ou de relato de falas são frequentes nos tipos de texto disponibilizados pelo *Corpus*.

Por sua vez, nossa análise dos tipos adjetivais licenciados pela construção [V AA] também corroboram nossa hipótese (iii), pois, dentre os tipos adjetivais analisados, 91,2% classificam-se como adjetivos qualificadores, seguidos pelos modalizadores, que totalizam 10,3%. Tal dado confirma que a construção com AA tem caráter atributivo qualitativo, uma vez que há uma notável disparidade numérica entre os qualificadores e os outros tipos de adjetivos previstos, o que corrobora o que apontaram estudos predecessores sobre os AAs (Hummel, 2002b, 2003; Barbosa, 2006).

Ainda acerca dos tipos verbais e adjetivais, notamos que os verbos materiais são a única categoria verbal que apresenta pareamentos com todas as categorias adjetivas licenciadas pela construção [V AA] no PE. Esse dado confirma a categoria dos verbos materiais como a mais produtiva entre aquelas observadas nesta pesquisa. Como discutido anteriormente, o licenciamento dos verbos materiais em todos os subesquemas analisados está possivelmente atrelado a presença basilar desta categorias nas línguas humanas, pois representam a conceptualização de ações de transformação da matéria em contextos concretos. Esse fato permite-nos especular que, possivelmente, os verbos materiais foram a categoria verbal propulsora da construção com AA no PE. Entretanto, tal afirmação ainda requer averiguações diacrônicas mais aprofundadas.

Além dos verbos materiais, outra categoria requereu maior atenção entre os dados. Os verbos *dicendi* tiveram a maior frequência no *corpus* selecionado, somando 37,5% dos casos analisados. Entretanto, ao contrário dos verbos materiais, os verbos de atividade verbal mostraram-se entrincheirados em pareamentos com qualificadores dimensionadores, como nos subesquemas [V alto] e [V baixo]. Conclui-se, pois, que, apesar de apresentarem a maior frequência absoluta entre os dados do *corpus*, os verbos de atividade verbal são menos produtivos que os verbos materiais, uma vez que estão circunscritos a subesquemas específicos.

Em referência à estrutura argumental na construção [V AA], como previsto na hipótese (iv), nossos dados indicam que a construção-alvo tende a licenciar elementos verbais intransitivos (74,4%) em detrimento de transitivos (25,6%) no PE, bloqueando, portanto, a ocorrência de argumentos internos. Tal achado é corroborado por Tiradentes (2018), que

conclui que, dentre seus dados, 62,9% corresponderam a casos de estrutura argumental intransitiva ou em uso intransitivo. Logo, a partir desses dados, podemos comprovar que os elementos integrantes da construção-alvo são unicamente o item verbal e o adjetivo adverbial, dispostos majoritariamente na ordem V AA. Elementos intervenientes que são circunstancialmente licenciados pela construção, como adjuntos graduadores, argumentos internos desenvolvidos ou pronomes clíticos, decorrem de instâncias de uso da construção [V AA] em concomitância, em contextos comunicativos, com outras construções mais ou menos esquemáticas, como construções referentes à ordenação e disposição sentencial.

Considerando que a construção [V AA] tende a não apresentar argumentos internos, voltamo-nos às peculiaridades da estrutura informacional da construção. No que tange a esse fator, nossos dados corroboram pesquisas anteriores (Virginio, 2018; Tiradentes, 2018) acerca da construção [V AA]. Em nossa pesquisa, apuramos que 75,5% dos dados se referem a casos de foco exclusivo, em que a sequência V AA não compartilha foco informacional com quaisquer outros elementos sintagmáticos. Salienta-se, portanto, que a construção com adjetivo adverbial se diferencia de outras construções adverbiais ao passo que aparenta promover restrições tanto semântico-pragmáticas quanto morfossintáticas que inviabilizam a focalização de outros elementos próximos a ela nas cláusulas em que seus construtos se materializam.

Por fim, comprovamos também nossa hipótese (v) acerca da modalidade e do domínio discursivo em que a construção [V AA] é utilizada no PE. Em nossa análise, comprovamos que, numericamente, os dados válidos figuram majoritariamente dentro do agrupamento de textos escritos. Desse modo, ecoamos os achados de Tiradentes (2018) e atestamos que, apesar do que é suposto por Hummel (2002), a construção com adjetivo adverbial é, ao menos em nosso *corpus*, amplamente utilizada na escrita. Entretanto, ressaltamos que, como ainda apontado por Hummel (2002), a frequência relativa dos dados recai no agrupamento dos textos orais. Desse modo, atestamos que, apesar de a construção com adjetivo adverbial ser, de fato, amplamente utilizada na escrita, ela ainda é mais utilizada em textos orais, possivelmente devido ao baixo monitoramento propiciado por tais situações comunicativas.

Por sua vez, nossos dados referentes ao domínio discursivo nos auxiliaram na comprovação de nossas hipóteses. Como discutido em nossa análise de dados, os textos ficcionais apresentaram tanto o maior número absoluto de ocorrências (326), quanto a maior frequência relativa (0,11). Supomos, então, que a predominância de textos ficcionais em

nosso *corpus* é derivada do caráter mimético da tipologia narrativa em que se localizam, uma vez que ela busca simular atos de fala relacionados à informalidade propícia em contextos orais. Portanto, uma vez mais, nossa análise confirma nossas hipóteses acerca do licenciamento da construção em modalidades e domínios discursivos relacionados com graus de formalidade e monitoramento de produção mais elevados. Logo, nossos dados nos levam a concluir que a construção [V AA] é um artifício linguístico de ocorrências padronizadas e consolidadas no PE, apresentando organização estrutural específica atrelada a seus sentidos semântico-pragmáticos.

Posto isso, esta monografia pretendeu compreender os fatores estruturais e discursivo-pragmáticos da construção com adjetivo adverbial na variedade europeia do português no século XX. Em suma, este trabalho apresentou resultados importantes e sinalizações para o que ainda poderemos descobrir em futuras análises acerca do nosso objeto de pesquisa. Contribuímos, pois, para a ampliação do conhecimento linguístico acerca dos adjetivos adverbiais sob à ótica da LFCU, ao passo que buscamos testar e comprovar os alicerces teórico-metodológicos que sustentam tal vertente linguística. Futuramente, intenciona-se, dentro do projeto *Entre nós e links: análise dos adjetivos adverbiais sob uma perspectiva construcional*, expandir a análise da construção [V AA] no PE, que ainda carece de atenção particular para além desta monografia. Além disso, pretendemos comparar a rede da construção [V AA] com as de outras construções adverbiais disponíveis aos falantes, como a rede da construção [V Xmente], a fim de melhor compreendermos as idiossincrasias de tais construções e como elas se relacionam e se organizam na rede das construções de modificação verbal da variedade europeia do português.

Referências

- BARBOSA, M. *Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. (Ed.). *Usage based models of language*. Stanfornd, California: CSLI Publications, 2000.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Ed.). *A handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, v. 82, n.4, 2006, p. 711-33.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CAMPOS, J. L. A competição entre [Verbo Adjetivo Adverbial] e [V Xmente] na rede construcional do português brasileiro: uma análise centrada no uso. 2019. 148 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- CASTILHO, A. T. de. "O Sintagma Adjetival". In: *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010, p. 511-539.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. (2006-) *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Available online at: <http://www.corpusdoportugues.org>.

FOLTRAN, M. J. G. D. A alternância entre adjetivos e advérbios como modificadores de indivíduos e de eventos. *Revista Letras*, n. 81, maio/ago. Curitiba: Editora UFPR, 2010, p. 157- 176.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA. *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015

GIVÓN, T. *Syntax: a Functional-typological Introduction 1*. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: A functional-typological introduction*. Volume II. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. Constructionist approaches to language. In: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (Ed.). *Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 15-31.

GONÇALVES, E. M. *Construções adverbiais qualitativas e modalizadoras nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Monografia apresentada à Faculdade de Letras. UFRJ, 2018.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANA, R. The handbook of historical linguistics. Oxford: Blackwell, 2003.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E & HEINE, B. A approaches to grammaticalization, v.1 Amsterdam: Benjamins, 17-37, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. Grammaticalization. Cambridge University Press, 1993.

HUDSON, R. A. *Language Networks: The New Word Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HUMMEL, M. Considerações sobre os Tipos Ela Fala Esquisito e Ela Chega Cansada no Português Coloquial e Literário do Brasil e de Portugal. *Confluência*, revista do Instituto de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, 2002.

HUMMEL, M. Attribution in Romance: Reconstructing the oral and written tradition. *Folia Linguistica Historica*, 34, 2013a

HUMMEL, M. “A conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrónica e diacrónica”. *Confluência*, 2526, 2003, p. 175-192.

HUMMEL, M. “Sincronía y diacronía de los llamados adjetivos adverbializados y de los adverbios en – mente”. *Anuario de Letras, Lingüística y Filología* (Universidad Nacional Autónoma de México) I.2, 2013, p. 215-281.

KEMMER, S.; BARLOW, M. Introduction: a usage-based conception of language. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (Ed.). *Usage based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 1999.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form: topic, focus and the mental representation of referents*. Cambridge: University Press, 1994.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987. 2v.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARTELOTTA, M. E.. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, M. E. *Ordenação dos advérbios bem e mal no português escrito: uma abordagem histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ (Relatório final apresentado ao CNPq), 2004.

SCHEIBMAN, J. “Local patterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation”. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

TIRADENTES, R. P. *A construção com adjetivo adverbial: investigando sua configuração no Português Brasileiro do século XX*. Monografia (Graduação em Letras: Português-Literaturas), Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

TIRADENTES, Rodrigo Pinto. *Adjetivos adverbiais na rede construcional do português brasileiro: uma proposta de categorização bottom-up do padrão [V AA] com sentido qualitativo*. 2021. 197 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. United Kingdom: Oxford University Press, 2013.

VIRGINIO, V. T. A. *A pragmática inerente das construções gramaticais: comparando adjetivos adverbiais e advérbios em –mente do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.